

AN

STILL 29

EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna

Ano X — Florianópolis, junho, 1957 — N. 29

Enderêço: Praça 15, n. 27 — Caixa Postal, 384

Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

DIRETORES:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

REDATORES:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Edmond Jorge, Eglê Malheiros, J. P. Silveira de Souza, Ody Fraga, Osvaldo F. de Melo (filho), Walmor Cardoso da Silva

ILUSTRADORES:

Aldo Nunes, Dimas Rosa, Ernesto Meyer Filho, Hyedy de Assis Corrêia, Hugo Mund Jr., Pedro Bôsko.

"Sul" acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, e do exterior, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, não serão devolvidos.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: no Brasil Cr\$ 10,00

em Portugal 7\$00

Assinatura por 4 números: Cr\$ 40,00; registrada: Cr\$ 60,00

As assinaturas podem ser pedidas em qualquer época, diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

REPRESENTANTES

No Brasil:

GUIDO WILMAR SASSI — Caixa Postal, 288 — Lajes — Santa Catarina.

J. M. FONTES — R. Lagarto, 1571 — Aracajú — Sergipe.

ROGERIO TOSCANO — R. Cel. Antônio Soares, 651 — JOÃO PESSOA — Paraíba.

EVARISTO PAULO GOUVEIA — R. Desembargador Tenório, 186 — Farol — Maceió — Alagoas.

FONTES IBIAPINA — R. Francisco Mendes, 297 — TERESINHA — Piauí.

CLAUCO R. CORRÊA — Campo Grande — Mato Grosso.

EDISON R. LIMA — Edifício Almare — s/805 — Recife — Pernambuco.

IRORÉ GOMES — Av. Anhanguera, 20 — Goiânia — Goiás

No Exterior:

Dr. Manuel Pinto — Sertã — Portugal.

Vitoriano Rosa — Lisboa — Portugal.

Manuel Filipe de Moura Coutinho — Lourenço Marques — África Oriental Portuguesa.

Blanca Terra Viera — Buenos Aires — Argentina.

LIVROS HORIZONTE (distribuidor para Portugal e Colônias.

Apartado, 818 — Lisboa — Portugal.

LIVRARIA MONTEIRO LOBATO — Andes, 1415 — Montevideo — Uruguai.

NOSSA CAPA: — Vendedor de camarão — Linoleogravura a duas cores de ALDO NUNES

SUL

foi sempre uma revista de juventude, de mocidade. Não só no sentido cronológico do termo, porém no seu significado mais lato: de pesquisa, de inconformação e de esperança.

Porque o artista e o intelectual sofrem um destino inelutável: ou se mantêm sempre jovens ou morrem, mumificam-se mesmo em vida. Para permanecerem atuantes precisam ser os eternos insatisfeitos; perder-se na auto-contemplação é perecer. Artista não é somente o que cria, é também o que procura. A criação, em última análise, é o resultado palpável dessa indagação, que muitas vezes atinge o doloroso e o irágico. Esse impulso para o novo, essa constante revisão, essa inquietação é que fazem com que o homem vença inclusive as mais refratárias injunções, e se realize.

"SUL" nasceu sob o signo da pesquisa, fruto do choque de jovens com a pasmaceira provinciana. Todos nos atacavam, criminosos que éramos do crime de lesa-conformismo. E acicatados pela reação procuramos, produzimos e construímos. E, principalmente, discutimos e debatemos, varremos teias de aranha.

Folheemos, no entanto, os últimos números da Revista. Excetuando a colaboração vinda do exterior (e que vem avultando sobremaneira) que dizer do conteúdo? Há um mofa acadêmico se infiltrando em nossas páginas. Porque já não nos atacam — salvo os que o fazem por despeito, razões pessoais que não podemos levar em conta — nós também nos acomodamos, não discutimos, nem criticamos. Criou-se um "modus vivendi", um compromisso nada honroso entre os acadêmicos e os que assim, um dia, na academia acabarão.

Chega-se a desejar que surja um grupo novo, que nos chame de conservadores e vaidosos, para que de novo se rompa o marasmo, e nós próprios nos sintamos na obrigação de pensar, estudar e debater. Que a insatisfação nos torne presas novamente, e que produza seus frutos.

Se não mudarmos passaremos a função decorativa, e teremos que reconhecer tristemente que "SUL" morreu.

Eglê Malheiros

A G U A R D E

para breve

os dois novos lançamentos "SUL".

AMIGO VELHO — contos de Guido Wilmar Sassi —
nas Edições SUL.

Guido Wilmar Sassi, quando do lançamento do seu volume de estréia (PIÁ — contos — Edições SUL 4 — 1953), foi considerado pela crítica do país como uma das melhores revelações de contista dos últimos anos.

A FUGA DAS HORAS — poemas de Lilia de Ornellas
— nos Cadernos SUL.

Com êsse caderno de poemas, SUL apresenta uma nova poetisa, a respeito da qual, no prefácio escrito especialmente para o volume, declara **Juana de Ibarbourou**:

"... Yo te saludo como un novísimo y auténtico valor poético de las letras de tu pátria, que amo tanto.

De la mano, Andersen y yo te seguimos maravillados por tu imaginación tan rica y tu canto tan puro".

MAIS UM LIVRO DE CONTOS

O escritor Silveira de Souza, bem como algumas publicações brasileiras e portuguesas, já se referiram a um fenômeno literário deveras interessante: a inflação do conto no Brasil. A descoberta não é nova, nem exclusivamente deles. É patente e incontestado que uma epidemia do conto grassa em nosso país. Uma epidemia de contos; não, porém, de "verdadeiros" contistas. Disso não há inflação; há carência. E a prova numa "antologia" de contistas novos, surgidas anos atrás, onde, em mais de quatrocentos páginas, apareciam poetas, críticos, ensaístas, romancistas e romancistas, além de cultores de outros gêneros, todos querendo tirar sua casquinha no conto. Contistas mesmo — e dos bons, diga-se a bem da verdade — apenas quatro ou cinco. Da mesma forma, com maior ou menor frequência, nota-se, nos suplementos ou nas páginas literárias (quando não assinando caderninhos de versos), um tremendo surto de poetas, de poetastros, de poetas de meia-tigela, de quarto de tigela, ou mesmo sem tigela nenhuma.

A desproporção, entre os cultores dos diversos gêneros literários, é alarmante, e qualquer estatística, mesmo superficial, a constataria: vinte contistas para um romancista, quarenta poetas para um romancista, cinquenta contistas e cem poetas para um ensaísta ou um crítico.

As causas de tal fato, creio, têm raízes profundas, subordinadas a condições várias: psicológicas, sociais, econômico-financeiras, e outras mais, cuja análise não cabe no momento, nem nestas notas. Porém — comprova-se de sobejo — é muito mais fácil publicar um conto, ou um poema, numa revista ou num suplemento, do que editar um alentado romance ou um substancial ensaio. As dificuldades editoriais crescem dia a dia, e só resta essa válvula de escape aos escritores novos, para fugirem ao ineditismo. É essa pressa, pois, de se verem impressos, que origina a avalanche de contistas e de poetas — de poetas falidos contistas frustrados, as mais das vezes.

E estou, agora, relendo-o pela segunda vez, diante de mais um livro de contos. Enquadrar-se-á êle nessa corrente inflacionária? Não! A. Boos Jr. é um contista de vocação, um verdadeiro contista, como o provaram seus contos inseridos na Revista SUL. O "crisma" vem agora, no volume recentemente publicado — TEODORA & CIA., Edições SUL, Florianópolis, 1956. Estamos diante de um escritor consciente e sincero, que, estudioso dos problemas do conto, se aprofun-

dou na sua estrutura e aprendeu a manejá-lo, avizinhandose o dia em que se tornará um mestre.

É uma série quase homogênea, compacta, de bons contos, na sua quase totalidade. Sim, quase homogênea, pois mesmo autôres já consagrados, ao publicarem uma coletânea, sempre apresentam trabalhos de maior ou menor envergadura, de densidade mais ou menos completa, uns sobressaindo mais do que os outros, o que torna difícil, se não impossível, a perfeita unidade.

As nove histórias que compõem TEODORA & CIA. não fogem à regra. São histórias ótimas, boas, regulares ou fracas; as duas primeiras qualidades encontradas mais amiúde.

O DIA DO JUÍZO é uma "fantasia" muito bem realizada, onde o regional e o universal se fundem em harmonia. O humorismo que emana desse conto, em nada prejudica o seu toque de humanidade; pelo contrário, realça-o. Há certa semelhança com outro conto que li há tempos, e cujo autor esqueci: JESUS CRISTO EM BUENOS AIRES. Mas A. Boos Jr. não conhecia, quando escreveu O DIA DO JUÍZO, a história do autor argentino. Talvez ainda não a conheça. Ambos trataram temas iguais, e nisso acaba a semelhança. Um dos melhores contos do volume.

É inegável, em certos contos, principalmente em CENTRO DE SAÚDE e TEODORA, a influência de Graciliano Ramos. Boos Jr. não nega sua admiração pelo escritor alagoano, antes, até, salientando-a, na dedicatória do livro. Resta observar se Boos Jr. é apenas um Gracilianinho. Não, não é! Influenciado, sim, pela obra e pela vida do autor de ANGÚSTIA, não se transformou num papel-carbono, num papagaio. Nessas duas histórias, onde o estilo e o "jeitão" de Graciliano se apresentam gritantes, nota-se, contudo, o dedo orientador do seu criador verdadeiro, o estilo e o jeito próprios, inconfundíveis, de A. Boos Jr. Essas histórias, influenciadas por quem quer que fosse, só poderiam ser escritas por A. Boos Jr., e por mais ninguém. Conclusão: Boos Jr. é um discípulo de Graciliano Ramos; não, porém, um seu imitador.

MR. MC DOUGLAS é outro ponto alto do livro, a despeito do seu tom de sátira, de caricatura. NECO, VIGIA E SONHADOR, não obstante o seu quê de poético, é um conto tremendamente doloroso, de tão humano, de tão real. E assim, no mesmo nível — boas — o livro contém outras histórias bem urdidadas e bem narradas: EM SURDINA e O ANJO CAPENGA, onde, mais uma vez, o valor de A. Boos Jr. se patenteia, se firma e se confirma.

E finalmente, para terminar, os "caroços"...

O ROSTO, do gênero dito "psicológico" é um dos contos mais fracos, assim como A NOITE, onde deparamos com um personagem psicologicamente falso. Falso e falho — como personagem — fato que se constata com enorme surpresa, dada a grande segurança com que A. Boos Jr. maneja os seus tipos. Mas o garotinho do conto em questão (dão licença, ibraim mais jacinto? ou vocês pensam que são donos da língua?) não convence, não satisfaz. Na verdade, é uma aberração, das mais completas, o curto espaço de tempo decorrido e a modificação, quase radical, sofrida pelo menino Paulo. Primeiro é o piãzote levado pela mão, pelo pai, para o emprego. Guri ingênuo, bôbo... e, de repente, sem mais nem menos, lá vai: descobre o sexo, tem relações com a empregada e tudo o mais. Não, não convence. Mesmo assim, o conto se salva pelo seu final meigo, lírico, com um inefável toque de ternura.

E assim, fecho o livro com prazer e com pena. Com prazer, pela boa leitura; com pena de havê-lo terminado. E com muita comiseração pela gente de A. Boos Jr. Gente bem gente, humana, palpável, visível. Resta-me, porém, uma certeza: não se trata, apenas, de mais um livro de contos; trata-se, isso sim, de uma BOM livro de contos, escrito por um contista de verdade.

Guido Wilmar Sassi

SOBREVIVÊNCIA PORTUGUESA

A enorme sobrevivência portuguesa, fato folclórico bem comprovado, é mais um argumento a favor da limitação da inventiva popular no sentido romântico. Quando muito, a boa inventiva dos modelos, com variantes ou temas novos, tirados do ambiente rural, enriquece o patrimônio herdado do ambiente urbano, ou da cultura superior.

Augusto Meyer: Cancloneiro Gaúcho

Vejamos, a origem do Bumba-Meu-Boi, na interpretação de Guilherme de Melo: — “O Bumba-Meu-Boi, por exemplo, que é de origem portuguesa, é uma variante do **Monólogo do Vaqueiro**, que Gil Vicente representara, em 8 de junho de 1502, nos paços do Castelo de D. Maria, por ocasião do nascimento do príncipe D. João, primogênito do rei Dom Manuel.

Gil Vicente que copiara êsse auto das danças de **Aguinaldo**, geralmente usadas nos costumes populares de quasi tôda a Europa, comparando o príncipe recém-nascido ao Menino-Deus, transformou a câmara da rainha em presépio. Vestido de vaqueiro entra pasmando-se de tudo, para fingir, que se achava num paraíso terreal, e vendo a rainha de cama, felicita-a por ter realizado as esperanças de Portugal e da Espanha com o nascimento do príncipe. E termina dizendo que vai chamar uns trinta companheiros que trazem vários presentes para o recém-nascido.

D. Beatriz, mãe de D. Manuel, vendo entrarem os fidalgos, vestidos de pastores com seus presentes, à imitação dos Reis Magos, compreendeu logo a intenção do poeta, e, reconhecendo a forma hierática do **Monólogo do Vaqueiro**, pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse às Matinas de Natal, endereçado ao nascimento do Redentor.

Gil Vicente, que foi um dos talentos mais fecundos de Portugal no século XVI, escolheu de preferência o mito do Touro para a sua representação, por ter sido êste animal admiravelmente escolhido pelos antigos para servir de emblema, nos climas temperados, do poder fecundante e gerador que representava o sol.

Estas representações persistindo nos cantares das janeiras tiveram o nome de **Festas do Aguinaldo**, o que quer dizer Boi-nascido, Agui-naldo (o Agnus equinocial).

Folclore, palavra inventada pelo arqueólogo inglês William John Thos, e publicada pela primeira vez na revista londrina **Ateneu**, em agosto de 1846, compõe-se de dois substantivos, **folk**, que quer dizer: gente, povo; e **lore**, que significa: conhecimento

sabedoria. Esse vocábulo está sujeito a certas confusões e a sua aplicação é muitas vezes imprecisa, por isso quando se fala em **folklore**, ou de música folclórica, deve-se considerar como tal apenas o que encerra certo elemento pré-histórico, classificador dos caracteres físicos dos grupos humanos, ou do conhecimento do ponto de vista cultural, das populações primitivas, cujo conteúdo conserva o povo em estado vivo, elementos que não pertençam somente a uma sistematização de conhecimentos mas que sejam originários de invenção coletiva.

Essa curta observação serve para justificar, em parte, um ponto fundamental, salientado por Mário de Andrade, com relação à nossa música, quando diz: — “O Brasil não possui uma verdadeira música folclórica, isto é, não possui cantos tradicionais transmitidos de geração a geração e comuns pelos meios de certa região”.

Pois bem, se não possuímos uma verdadeira música folclórica, no conceito de Mário de Andrade, possuímos, contudo, uma criação musical com processos já fixados, apresentando uma unidade de caráter que a torna perfeitamente popular.

Quanto às “danças dramáticas populares”, ainda é Mário de Andrade quem esclarece, em artigo publicado no **Diário de Notícias** de São Paulo, em 26 de agosto de 1944, sob o título **Cantigas e Embaixadas**: — “O que caracteriza mais o aspecto contemporâneo das nossas principais danças dramáticas populares, é que elas como espírito e forma não são um todo unitário em que se desenvolve um tema só. Muitas vezes o tema principal dá ensejo a um episódio apenas, rápido, dramaticamente cônico. E esse núcleo básico é recheado de temas apostos a ele; romance e outras canções tradicionais, texto e mesmo episódios de outras danças dramáticas. Às vezes mesmo essas aposições não têm ligação nenhuma com o núcleo. Coisas que também sucedem com manifestações portuguesas, idênticas, como é o caso do personagem do Vilão, que se usa diferentemente em quaisquer das representações populares açorianas. Aqui se dá o mesmo, com a Diana e com o velho em todos os pastoris; com as Lãs dos Bumbas e Cheganças e até com as cantigas de quando o cortejo bailarino marcha pelas ruas.

É o caso da **Barca Bela**.

Esse processo de construir o bailado por aposição discricionária, culmina na forma atual de certas versões principalmente pernambucanas do **Bumba-Meu-Boi**, em que a coincidência com a revista do teatro pracionário é flagrante. O episódio que foi núcleo não tem agora importância maior que os episódios acessórios, e apenas figura no fim, ainda salientando o boi, não exatamente pelo drama, porém pela apoteose”.

O **Bumba-Meu-Boi**, talvez o mais nebuloso dos bailados populares do nordeste brasileiro, está ligado ao ciclo das festas dos Reis Magos.

Essa dança-dramática, que foi evidentemente um auto, na atualidade é desenvolvida em forma de suite. Como é sabido a origem da suite se encontra na música popular. Na Europa era costume unir danças aos pares, danças de caráter eminentemente coreográfico. O **Bumba-Meu-Boi** está ligado, no nordeste, ao ciclo das festas da Natividade e na Amazônia às festas de São João. Somente as figuras humanas cantam — de preferência as mulheres — o que vem a ser uma possível influência dos costumes ameríndios. As personagens mestras dessa dança dramática são: **Cavalo Marinho**, — arcabouço de cavalo com rédeas, sela e estribo; o **Arlequim** — figura de menino que agarra os freios do Cavalo Marinho; o **Mateus** — figura de vaqueiro; o **Sebastião** — figura de negro escravo; a **Catirina** — figura de negra endiabrada e sambista; a **Pastorinha** — moça, dona de terras e gados das vizinhanças; o **Tuntunque** — (Valentão) figura de brabo, só de fama; o **Jaguara** — fantasma representando a alma dos cavalos; o **Engenheiro** — doutor acompanhado de uma turma de empregados; o **Padre** — figura caricatural de sacerdote; o **Doutor** figura de médico, chamado para receitar o **Boi doente**; e o **Boi** — arcabouço de boi, por baixo do qual se oculta uma pessoa.

Ainda que as velhas origens históricas do **Bumba-Meu-Boi** sejam atribuídas a Portugal, uma das características e valores dessa dança dramática é ser fundamentalmente brasileira nos tipos, costumes, textos e particularmente nas suas músicas.

LUIS COSME

A GERAÇÃO DE 1870 E AS SUAS DÚVIDAS

É no meio dos maiores acontecimentos que a geração de 1870 irá forjar o seu caráter, as suas crenças, o plano da sua ação e até os fundamentos das suas próprias desilusões.

Acontecimentos de ordem político-social e consequente modificação de tôdas a superestrutura duma sociedade que se organizará a partir da Revolução Francesa, em moldes inteiramente novos.

Alguns dêstes acontecimentos, todavia, nem sempre coincidindo com as condições específicas do caso português, não teriam senão um valor teórico, digamos, mas que nítidas e profundas marcas iriam deixar na história do nosso pensamento.

É nesta época que a burguesia, consolidada, organizada estruturalmente como classe dominante e dominadora, começa a sofrer os primeiros efeitos das contradições germinadas no seu próprio seio, e a ser perturbada pela grandeza da sua própria obra.

Esboça-se o desequilíbrio flagrante entre a produção e o consumo, originando crise que a custo se debela para reaparecer de seguida, mais forte. Estas crises cíclicas, chicoteando impiamente o dorso da estrutura capitalista, arrastarão consigo todo um caudal de agitações, de incertezas, de dúvidas a que se juntam agora os clamores da nova classe — um proletariado numeroso, descontente, recalitrante, seguindo talvez as pisadas que havia seguido a burguesia, a quando da sua ascendência e quando ainda, como classe ideologicamente estruturada, o pequeno proletariado dêsse tempo não atingira condições para se fazer valer.

A burguesia, entretanto, havia resolvido o mundo de forma completa.

Foi revolucionariamente que ela ascendeu ao poder, se bem que só após alguns séculos de maturação — e foi, digamos, revolucionariamente que toda a superestrutura se modificou. O incremento dado às ciências, o surgimento de novos ramos do conhecimento humano, assumem sem dúvida um aspecto revolucionário.

A filosofia durante esta época de ascendência, elabora-se racionalmente. A nova ciência e o advento enorme da mecânica, exigirão uma filosofia de acôrdo.

Destacam-se desta época os trabalhos dos grandes economistas ingleses (país mais desenvolvido industrialmente), Petty, Adam Smith e Ricardo. As pesquisas sobre a natureza como realidade objectiva, pelos grandes filósofos materialistas D'Holbach, Diderot, Feurbach. O surto enorme da biologia e das matemáticas.

As investigações sobre os grandes grupos sociais, e o seu agrupamento em classes, levadas a cabo pelos historiadores Trierry, Mignet, Guizot. A rutura com a concepção de um mundo harmonioso, já virtualmente observável em Voltaire, Rousseau e Kant.

A teoria da evolução das espécies de Darwin, dando o golpe de misericórdia no otimismo fácil e a notável obra de Hegel, pondo a nu a multiplicidade das contradições existentes no homem, na história, na natureza.

De real importância são ainda os trabalhos dos socialistas franceses Saint-Simon, pondo o problema da economia científica e Proudhon, pondo o problema do futuro político do proletariado.

Tais são os precursores do espírito materialista que tão grande influência iria ter no desenvolvimento do conhecimento e até no desenrolar dos acontecimentos, a partir de meados do século XIX.

Em Portugal, porém, a burguesia apenas se estabelece definitivamente em 1863, pela eliminação dos últimos morgadios.

Aos conflitos entre a média e a pequena burguesia, sucedem-se épocas de calma e de progresso. O atrazo da nossa industrialização e portanto a quasi não existência de um proletariado fabril, atenuam entre nós, grandemente, os conflitos de classe que só em 1872 se manifestam por um movimento grevista, denominado "pavorosa".

É de notar todavia, a ação de socialistas como Latino Coelho, Casal Ribeiro, etc. verdadeiros precursores dos doutrinários de 70.

É pois no meio destes acontecimentos que a literatura assume sua fisionomia, buscando seus temas nas teses sociais mais em evidência, dando origem a uma poesia de imprecisões cheirando ao Hugo dos "Châtiments" e da crítica social dos "Misérables".

O caminho de ferro é igualmente um fator de importância pelo que possibilitava de contactos com os movimentos europeus.

Eça de Queiroz, referir-se-ia a toda essa bagagem trazida pelo caminho de ferro para Coimbra, que em 1864 fica ligada à rede europeia.

Grandes autores, sobretudo franceses e ingleses, tinham sido trazidos já pelos exilados da geração de Garret e Herculano, que todavia nem sempre os terão compreendido. É assim que Papá Hugo, que pontificara no Cromwel as bases do 1º romantismo, continua a ser o grande inspirador de nossa literatura panfletária.

De resto grandes barreiras separam já a geração dita romântica da geração de 1870.

A crítica bíblica de Renan, bem assim as obras dos filósofos apontados atrás, profundamente arreligiosos e racionalistas, dariam orientação diferente à intelectualidade portuguesa de 70.

Mas não foi sem sacrifício que se operou essa transformação. Não era impunemente que se recebia uma herança de alguns séculos de escolasticismo, de princípios dogmáticos, atuando sobre uma sociedade invariavelmente posta fora dos grandes movimentos emancipadores, fortemente coberta pelo punho de Torquemada e seus acólitos e por uma reação sempre vigilante e atenta a todos os movimentos.

É Antero do Quental, cujo gênio dominará com a sua coragem e a sua sensibilidade o despertar da nossa consciência, que demonstra bem esse peso hereditário recebido através de sua educação mística:

“Varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungente quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer plácida e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida.

Achei-me sem direção, estado terrível de espírito partilhado mais ou menos por quasi todos da minha geração, a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha velha estrada da tradição — “carta autobiográfica a Wilhelm Storck”.

Foram estes complexos que sobrepostos à confusão gerada pelos acontecimentos internacionais e posteriores filosofias decadentistas, criariam em cada consciência um conflito, um pessimismo avassalador, que quebando o seu impulso inicial, arrastariam no princípio do vencidismo, Eça, Ramalho, Oliveira Martins.

Antero escolhe o caminho mais coerente, embora mais dramático — incapaz de regressar a um posto de partida, ou de resolver pela conciliação o seu problema íntimo, suicidar-se-á, mantendo nesse gesto, onde alguns notam o desespero agónico dos falhados, toda uma coerência, todas uma grandeza de mártir, que ele era.

Cada pedra que cai dos muros lassos,
do trémulo castelo do passado,
deixa um peito partido, arruinado,
é um coração aberto em dois pedaços...

A geração que se lhe segue será apenas o seu reflexo, a sombra pálida de seus maus momentos. Escolheu o caminho mais triste, mais sombrio.

É de certo modo o eco de toda a agonia e desespero de uma Europa desagregando-se, e onde não há sequer a coragem salutar dos grandes gestos.

Perderam-se o sacrifício de Antero, que ousou desafiar os mitos que povoavam nossa consciência coletiva, e o levou à morte... Bergson, supostamente revendo toda a crítica racionalista, Nietzsche pela sua filosofia de um individualismo feroz, tornaram-se os coriféus mentores da decadência.

A literatura perdera a força que ganhara à custa de tão belos exemplos. Eça pôs de lado a crítica acerba e desafiadora para aconselhar a fuga às grandes eclosões, sublimando a paisagem campestre e o regresso aos campos — Oliveira Martins refugia-se numa análise saudosista, pejada dum sebastianismo incipiente de factos da nossa história.

Junqueiro caindo na conversão, ou pelo menos numa visão pan-teísta do Universo.

A geração de 90, 20 ou 30 anos após os grandes acontecimentos das conferências do Casino, da acção socialista desenvolvida pelos grandes leaders Fontana e Antero, acoita-se tôda ela numa literatura enferma, regressando ao formalismo vazio e ôco, discutindo tôda a futilidade dos ritmos os as fórmulas perfeitas do alexandrino.

É a época dos poemas mais tristes de Portugal, das introspecções, dos casos patológicos e mórbidos, onde só raramente um ou outro consegue pela forma, superar todo êsse caudal de desgraças que ainda hoje alguns tentam infelizmente continuar.

x x x x

A incompreensão muitas vêzes se estabelece como posição filosófica, atitude crítica, forma estética, senão quando mesmo servida por penas brilhantes. Sucede não raras vêzes quando numa época de conflitos e degenerescência, as contradições sociais se avolumam, originando um ambiente de incertezas e de amargas desilusões. Hoje, poderemos discernir sôbre êsses fenônemos. Os nossos métodos de análise, a nossa experiência, o próprio evoluir dos acontecimentos, jogando conosco, ajudam-nos a ganhar essa partida. É certo que as dúvidas de Antero, senão mesmo as de tôda a sua geração, se operam no campo teórico, sob forma de problema íntimo. A sua acção política, como orientador socialista — Antero foi o organizador da Internacional Operária em Portugal — não conheceu essas dúvidas, nem êsses desfalecimentos.

Mas porque se assistiu à "débaçle" vertical de tôda essa geração — porque essa linha traçada com tanto vigor, se enviezou numa curva de declínio?

A explicação poderá encontrar-se no que havia de idealista nas suas convicções. Pouco conhecendo, possivelmente das leis económicas, dando valor maior aos fatores psicológicos e individuais, estabelecendo tôdas as equações humanas sôbre um esquema absoluto — vício das filosofias idealistas e mecanicistas — lógico é que os próprios acontecimentos, afastando-se num rumo diferente daquele que êsse absoluto lhe indicava, os fizesse descrever, num dado ponto, da sua valiabilidade.

Acima de tudo, faltava-lhes a compreensão do verdadeiro significado das lutas que com a maior ferocidade se travam nos países industriais.

A Revolução de que Antero quis ser o porta-voz, — segundo êle mesmo — não foi vista como a evolução económica e sua consequente imediata, mas sim pelos mitos que a sua sensibilidade poética, o seu idealismo filosófico, criaram.

Razão, irmã do Amor e da Justiça
mais uma vez escuta a minha prece...

Na raiz mais profunda da sua incompreensão, podemos pôr o utópico socialismo de Proudhon, não dando um fundamento teórico e prático às suas aspirações, construindo imaginariamente uma sociedade ideal, bastando para isso riscar simplesmente as palavras Injustiça, Tirania, Ódio, como um "fiat lux".

Estará um conhecimento de Hegel, feito por segundas vias, possivelmente deformado na sua essência positiva pelos idealistas franceses que o traduziram e difundiram.

Mas foi grande o passo dado em frente — sem dúvida — foi acima de tudo a libertação do despotismo dogmático, de obscurantismo medieval que ainda nos dominava, criando um marasmo inefável.

Foi uma luta titânica contra tudo e contra todos os que se lhe opunham — contra o Castilho cego demais para poder ver a evolução do mundo, contra as forças reacionárias, representadas pelo Marquês d'Ávila e Bolama a quem Antero dirige as palavras mais sérias, mais graves e mais desassombradas da história do nosso pensamento.

Foi sobretudo um enorme passo na evolução da nossa literatura, uma corrente benfazeja de ar por sobre o mofo pestilento que ela exala. A literatura desce assim do seu pedestal e vem para junto do homem, servir uma causa justa.

É Eça de Queiroz que analisa o que deve ser a arte: — deve corrigir e ensinar, e não ser só destinada a causar impressões passageiras a dar-se unicamente ao prazer dos sentidos. Deve tentar-se a regeneração dos costumes pela arte.

A arte presente só poderá salvar-se com o realismo que é a escola da Revolução".

É pena estas palavras terem sido desmentidas ou melhor contraditas pelas suas últimas obras, mas vimos já de que maneira esse declínio se processou — e quem o quiser desculpar que desculpe, tanto quanto é certo ainda hoje presenciarmos casos flagrantes de claudicação mental, de traição consciente.

Essa consciência que faltava aos homes de 70, onde os problemas se não tinham ainda reduzido à sua expressão equacional.

De fato, eles não traíram, apenas foram envolvidos e arrastados pela corrente impetuosa de acontecimentos cujo significado se lhes escapava absolutamente.

Todavia, nenhum dos movimentos literários seguintes se lhe pode comparar, pela nitidez com que tanto se identificam com a decadência e com o desespero agónico dos que não compreendem por obtusão, por inépcia ou por incapacidade.

A verdade é que após o espírito hegeliano e o socialismo (mesmo utópico, mesmo apenas teórico) ter sido vencido pelo positivismo conteano de Teófilo Braga, que mais de acôrdo com os interesses da média e grande burguesia se lhe sobrepôs, a mentalidade portuguesa cairia em uma de suas maiores crises, que acontecimentos posteriores irão agravar, ferindo-a no cerne, aniquilando tudo o que de bom e de vital, ali ainda pudesse residir.

Mas nunca a Humanidade se propôs enigmas que de antemão não pudessem ser resolvidos.

Que o sacrifício de Antero, na coerência magnífica de seu último gesto, afastando para longe todos os mitos, todos os dogmatismos, não ficará perdido na área escaldante do deserto das nossas consciências.

Santarém

Luis Eugênio Ferreira

EL REALISMO SOCIAL EN LA ÚLTIMA OBRA DE SALIM MIGUEL

Con la publicación de "Rede", título sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salim Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguma Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelística de los grandes escritores brasileños.

Salim Miguel debatíase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendía a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en él una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseía una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psíquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelístico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos,

conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catarina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdótica al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en líneas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huérfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semif feudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo allí es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.

Antônio Simoes (Jr.)

Transcrito da revista

VELADAS — Buenos Aires — Março 1957

VERÃO

Eglê Malheiros

As paredes são permeáveis:
Estranhos sons
De céu azul,
Flôres murchando
Sob o mormaço,
Perfume quente,
Promessa
De fruto doce
Em canção de pássaro.

Raro,
Sempre almejado,
Bem estar em meio aos seres.
Quase nada para dizer,
Talvez a aranha bailarina
Tenha mensagens
Nos fios voláteis.

Tudo é por si só
E apesar de mim,
Mas me desfaço
Na luz que invade
Tudo que vive
Compreendo os sonhos da ventania.

Num manso abrigo,
Com doce enlêvo,
Quisera falar
Da humanidade,
Mas a quietude
Fica inconsútil.

Não sou poeta hoje
Embora esteja tôda poesia.

A L E G R I A

Lilia de Ornellas

Um pedaço de sol
Dourou tôda a bruma.
Minha vida dançou
Numa teia de espuma.

O teu nome ecoou
Entre os flocos de opala.
E o pássaro triste
Cantou uma escala.

De uma réstea de luz
Uma nuvem fugiu.
Entre as pedras da escarpa
Mais um nardo surgiu.

(do volume de poemas **A FUGA DAS HORAS**,
a aparecer breve nos **Cadernos "SUL"**)

P O E M A

Judith Nunes Pires

Assim como quizeres, assim serei:

- Onda mansa nos abrolhos.
- Brilho de estrêlas nos olhos.
- Cantares de anjo na bôca, terei.

Para perfumar teus dias tristes: — Rosa.

E adoçar teus fados: — abelha laboriosa.

- Alma, sombra, nuvem, sutileza.
- Ou prazer sensual, vida, natureza.

Assim como me quizeres, poderei ser.

Mas só não me peças para te esquecer.

Pois mesmo sendo gêlo ou chama,
Sou ainda, uma mulher que ama.

do livro a ser publicado "Iluminuras"

POEMA

Thereza Austregesilo

O vento veio de longe...
veio rajando, zangado,
zunindo, empurrando a chuva.
Vem desfraldando cabelos,
trazendo assombro às crianças,
cirandando tenras folhas
arrancadas a seu pouso,
e ensinando a um jornal velho
(que veio não sei de onde)
o voar das gaivotas.

No meio do vento-eu:
sem temores, sem espantos,
enfrento tranquila, o vento,
que em seu furor conseguiu
arrancar, levar-me o nome,
que se foi perder no longe.
Mas só meu nome levou.
O nome não me faz falta:
desafio as potestades,
— me sinto maior que os mares
maior que este mundo imenso
e maior que o próprio vento.
De que tamanho é o vento?
mas de que tamanho é o vento?

Rio, abril, 56.

ESCULPI NA FUMAÇA

Colbert Malheiros

Esculpi na fumaça, pintai no céu, tangei na brisa,
que a Arte vive no instante da emoção do momento
e não se aprisiona e nem se imobiliza
na pedra fria, na tela tosca ou no rude instrumento.

Como ousais pretender que o mármore ou o metal
vivam horas e anos o gesto fugitivo,
a efemera expressão, o sorriso que mal
nos labios se esboçou, indeciso e furtivo ?
Como ousais perpetuar a vaga que se espraia,
a poeira de sól que surgiu e que cai,
e a folha que estremece e a tarde que desmaia
e a cor que empalidece e a vida que se esvai ?

Como ousais afirmar que a harmonia fugaz
pode ser repetida igual e deshumana
como se o acorde fôsse algo duro e tenaz
e não a alma do som a beijar a alma humana ?

Arte, tu és o fruto do segundo que passa !
Homem, tu és a tela, o barro, a melodia.
Tu cores o céu e esculpes na fumaça
e a brisa tanges, Homem, na vida fugidia !

A Arte se cria e morre em ti e se transforma,
semente e logo flor e semente de outra flor
diferente na cor, no perfume, na forma,
porque desabrochada sob um outro calor.

O que resta depois é só lembrança vaga
da harmonia perdida no passado que dorme
ou triste imitação em que a materia esmaga
um cadaver de sonho, baço, sujo e disforme.

Três poemas de

R E G R E S S O

Augusto dos Santos Abranches

C H E G A D A

O barco no mar e o cais deserto.
Na amurada os rostos ansiosos ao fim da viagem
suspendem-se na expectativa da ausência acontecida.
Os olhos de quem chega busca o que não está,
dor vincando a funda surpresa de julgar-se esquecido,
trapo inútil que ninguém mais volta a ter nas mãos.
O confrangimento toca um a um, disfarça
procurando além dos casos o chegar que não aparece,
e avoluma dentro do peito aquela cor negra da solidão
[provocada

quando sua companhia.

se julgava perdida...

Os motores abrandam, calam.

Ao fim da viagem o silêncio estende raizes,
vela branca do invisível escondendo a paisagem.

Nas águas da baía reflexos modificam os vultos
lá em baixo espelhados, trémulos,

modificam todos as linhas da geometria projectando
a ilusão da côr esverdeada,

escura, escura...

Oh, porque nem um oceano movendo-se no cáis,
porque nem um gesto, um rosto conhecido,
porque não veio ninguém abraçar a nossa chegada?

Se tivesse havido um naufrágio teria logo aberto
o caminho de sermos salvos

(na primeira página dos jornais)

e existiria agora um mundo de gente para nos receber.

Se tivesse havido um fogo, uma rebelião,

qualquer sensacional acontecimento quebrando a monotonia
da rota para nós, chegados, terminada,

teríamos agora inquietação ou música

(reportagem a continuar nas páginas interiores).

Mas não. Tudo foi calmo, normal, simplesmente vulgar
como um estender de ponte sem abismos,
como um correr de tempo sem sobressalto.

Por isso as mãos caem no desalento,
e há em cada um

este ressaibo de cais vazio...

Convencionalmente, lançam a corda da atracagem e o barco encosta num ritmo lento, sem ruído, naquele seu jeito de atrair o que não vem mas está ali corpo de cimento e ferro e madeira.

Duas escadas para bordo e à volta pequenos grupos que vão engordando à sombra dos guindastes, qual enfiada de contas revelando o conjunto humano (sim, não veio a música...).

Perde-se a imaginação na busca de haver um calor afectivo, um laço inter-unindo-nos, embora ninguém sinta no corpo a sua presença.

Por detrás dos armazens do cáis, a cidade escondida mostra o pêso do movimento álcere

(sim, ninguém sonha onde estamos, nos encontrará?)

indeciso, pudico, receioso,

o sorriso de amigo desponta entre a multidão

e um convite de esperança derrui todo o nosso desespero no erguer das asas que os braços movimentam...

A fina linha da terra chama-nos, recebe

na cálida tarde

o encontro de estarmos no fim da viagem marcada!

Um tripulante informa que chegamos uma hora mais cedo.

IMPRESSÃO

As palavras derramam-se,

mortas no vôo

desprendido,

e o chegar inquieto

desce no laivo acontecido...

Há uma flor em cada boca

onde o riso é sacudido.

ABRAÇO

Ponho-lhe as mãos nos ombros

e enrijo na lembrança os olhos

para fixar todos os aspectos.

As provas convencionais soam

ao bater dos impulsos calando

os sentimentos velados.

E há uma remodelação viva

no encontro ao fim do regresso

desenho de porta contínua...

TERCEIRA CARTA A EGLÊ MALHEIROS

Por

José Ferreira Monte

Eglê:
foi ontem !
(E ontem é uma palavra poética...)
Foi ontem !
(Vês como eu quero que a palavra seja poética ? !)
A manhã
era uma manhã sem nada de sensacional:
enevoada e fria,
— fria e nostálgica —
de ciprestes na alma
(como de costume),
de túmulos na idéia
(para quem teima em edificá-los...) !
Não era uma manhã de Povo —
(não era uma manhã de Povo como a sonho...),
de Povo que nasce
(e sabe de antemão para o que nasce...)
para um mundo feliz,
de canções suaves e abertas !
— Oh ! Eglê:
Não era uma manhã de Povo,
de Povo que nasce
(e sabe de antemão para o que nasce...)
com os lábios para uma fonte de água cristalina —
e opíparas merendas !
Oh ! Eglê:
era uma manhã sem nada de sensacional:
enevoada e fria !
Era uma manhã,
sim,
enevoada e fria:
de montanhas despidas,
de cinzentos carregados,
de alvenarias terríveis...
Era uma manhã...
Talvez...
(Talvez porque ama a precisão das coisas que imagino...)
...Uma manhã de cadeira elétrica,
de passadas para muro de fuzilado,

de adeus esperançado de grades de prisão,
de grito corajoso para "Viva!" exemplar!
E (por quem és, escuta-me Eglê!) talvez fôsse,
talvez fôsse,
talvez fôsse apenas
(estará aqui a mágoa, Eglê?)
uma manhã para poetas que não amam,
ou só pensam no que mora dentro dêles!!!
Assim como que uma manhã
(... uma manhã sem nada de sensacional...)
contente da sua tristeza,
exultante da sua soturnidade,
pacata na sua humilhação!
Repara, Eglê:
não era uma manhã para recriar filhos de rosenbergs!
— Demônio: era uma manhã para dor de coração!
Foi quando a tua carta veio!
Disse a minha Mãe, Eglê:
"carta do Brasil!".
E logo vi tudo transformado!
Tu gritavas, pegando nos teus filhos:
"mininos, força: soprem ao fumo para se ver a chama!"
O Salim esclarecia:
"cuidado, caminhem devagar: a morte ronda!"
Eu apoiava:
"Pois, levantem a bandeira: não se encubra a rota!"
Que o fumo era o nevoeiro...
Que a chama era o sol escondido...
Que o cuidado era a consciência do perigo...
Que a morte rondando eram homens vivos...
Que a bandeira era a amizade pela Paz...
Que a rota encoberta era a maldade das pessoas armadas...
... Tudo numa manhã sem nada de sensacional,
quando a tua carta veio!

URGENCIA

Blanca Terra Viera

Qué viento y qué augurios, que desastres
me aferran a los dientes, pasajeros
que apresan sin medida mi calvario.
Los labios sangran nervios y penumbra.

En un nivel de amor me deshilvano
temo por una niebla que ya avanza.
Nuevos líos sacuden mis maderos
y ya el hueso y la sangre debilitan.

Ruda lucha de estar, morir y amar.
Vivir sobre la cuerda de la tierra
ceder al ángel solo por temblores.
Un presagio de amante me destruye.

Sálveme el día, el lecho o la posible
fiebre que de tus manos tibias nace.
Caigan mis días vivos a tus noche
sin remover el viento las intrigas

POETAS ALEMÃES CONTEMPORÂNEOS

Tradução e nota do prof. Custódio de Campos.

C. — A despeito de ser o gênero lírico na poesia considerado decadente, de quando em vez surgem na Alemanha contemporânea produções de bons poetas alguns verdadeiramente notáveis, que fizeram ressurgir esplendorosamente a velha e clássica escola. Em seguida daremos na tradução que fizemos e no original, alguns exemplos de poesias líricas alemãs dos nossos tempos.

L. — De PEDRO PAULO ALTHAUS

Atrás da Lua

Nós, os loucos mansos, vivemos um pouco da Lua,
Muitas vêzes nos extasiamos no reverso da sua face.

Nos habituamos à bela vida, por detrás daquela Lua,
onde sempre reina uma penumbra tão amena.

Talvez nos encontremos algum dia lá em cima, na Lua,
Quando os vossos teleguiados até lá chegarem.

As boas vindas serão mugidos de lunática bezerra,
E nós rezaremos pelo vosso feliz regresso.

Nós, os loucos mansos, quando lemos as gazetas

Então as leremos sempre às avessas.

Dirão os guardas que isso é atitude de loucos mansos,

E' debalde tentarão convencer-nos da justeza do contrário,

Mas nós, os loucos mansos, quando lemos os jornais,
Sabemos que amanhã êles inverterão o que escreveram hoje.

Então nós, os loucos mansos, quando lemos hoje as gazetas,

Já prevenidos, as interpretamos no seu sentido invertido.

C. — PETER PAUL ALTHAUS

Hinterm Mond

Wir sanften Irren leben etwas hinterm Mond;

wir haben seine andre Seite oft betrachtet.

Wir sind das Leben hinterm Mond gewohnt;

es ist dort immer etwas leicht unnachtet.

Vielleicht, dass wir uns auf dem Mond mal treffen,

wenn ihr nach dorthin kommt mit euren Mondraketen.

Zum Willkomm wird ein Mondkalb euch entgegenbläffen;

wir aber wollen dann für eure gute Heimkehr beten.

Wir sanften Irren, wenn wir Zeitunglesen,
dann halten wir die Zeitung umgekehrt;
die Wärter meinen, das entspräche unsrem sanften Irren-
[Wesen,
und haben uns aufs neue immer wieder (aber ganz umsonst)
[belehrt.

Wir sanften Irren, wenn wir Zeitung-lesen —
wir wissen, dass man in der Zeitung morgen alles andersrum
[erfährt;
drum halten wir, wir sanften Irren, wenn wir Zeitunglesen,
die Zeitung vorsorglich schon heute umgekehrt.

L. — EMIL BARTH
Hora Noturna

Luzes de lanternas estremecem através dos castanheiros,
A fímbria da relva é metálicamente verde;
um rio de púrpura corre pelo canteiro dos gerânios;
os bancos estão cheios de grinaldas branco-azuis:
ouve-se um sussurro espantado por um gasgalhar troante.
O mocho bate as azas na satisfação do desejo,
e segue a rota pela escuridão profunda.
Uma cabeça de mármore empalidece a fonte
E que submergiu, perdendo os louros fenecidos.
E o ouro lídimo do silêncio no êrmo,
Transfigura nas estrêlas do firmamento.

C. — EMIL BARTH
Nachstunde

Laternenschimmer bebt durch die Kastanien,
Ein Streifen Rasen grünt metallisch auf;
Der Purpurfluss des langen Beets Geranien,
Aus welchen Herzen nimmt seinen Lauf ?

Von Bänken, die lidenblau und umhängen,
Ertönt Geflüster, und ein Lachen schwirrt.
Der Eulenflug Erinnerung und Vernalgen
Bestreicht den Weg, der tief Nacht durchirrt.

Ein Marmorhaupt, verbleicht im Teich Verwaistes;
Der Stirne Lorbeer treibt zerpfückt zu Grund.
Das strenge Gold der Einsamkeit des Geistes
Gibt fordernd sein Gesetz in Sternen kund.

L. — De GEORG VON DER VRING
Súplica

Eu te quero bem,
Fica, fica sempre comigo,
Deus no céu está nos vendo
e há-de sugerir o que faremos.

Para êle é belo e bosque
Minha casa a nós ambos pertence;
E quando no outono cairem as folhagens,
Fica, fica sempre comigo.

E quando no outono cairem as folhagens
Nós as veremos através da vidraça:
Também para nós é belo o bosque.
Fica, fica sempre comigo.

Eu te quero bem, o que acontece
Em breve alguém me enxotará.
As folhas voam e Dus as vê.
Fica, fica sempre comigo.

G. — GEORG VON DER VRING
Bitte

Ich hab dich lieb, das ist geschehn,
So sollst du bei mir bleiben.
Der liebe Gott hat uns gesehn,
Er sagt uns, was treiben.

Der Wald ist wohl für ihn so schön.
Mein Haus gehört uns beiden.
Wenn Blätter im November wehn,
So sollst du bei mir bleiben.

Wenn Blätter in November wehn,
Wir schauen durch sie Scheiben.
Der Wald ist auch für uns so schön,
So sollst du bei mir bleiben.

Ich hab dich lieb, das ist geschehn,
Bald wird mich wer vertreiben.
Die Blätter wehn, von Gott gesehn,
So sollst du bei mir bleiben.

L. — ARNO HOLZ
Dor

Perdoar ?

Eu ?

A ti ?

Há muito tempo

já o havia feito, antes de refletir.

Entretanto, esquecer ?

Olvidar ?

Oh se me fôsse possível !!

Muitas vezes,

No dia de maior luz,

Quando me sinto feliz,

não pensando em nada.

Repentinamente

Então

A minha frente deslisa uma coisa parda
como a serpente,

E tudo parece insulso.

Insulsa e lúgubre esta vida tôda.

E eu entristeço

Por ti

e por mim.

Bela e macia é a relva.

Lá eu me deito

Num leito de pétalas.

Acima de mim

morno

é o céu

uma colcha esbranquiçada,

que veda o meu olhar

aos poucos.

A Aura sussurra em ameno chilreado

E eu estou tão longe

de todo o mundo.

Agradavelmente vou avermelhando,

Sentindo o calor do sol através

das minhas veias.

Passam os minutos

Tudo desapareceu. Sòmente eu

Ditoso.

C. — De ARNO HOLZ
Schmerz

Bergeben ?
Ich ?
Dir ?
Längst !

Ich tat's, noch eh'ich's wusste.
Aber vergessen ?
Vergessen ?
Ich wenn ich's könnte !!

Oft,
mitten im hellsten Sonnenschein,
wenn ich fröhlich bin,
und "an nichts denke",

plötzlich,
da:
Grau hockt es vor mir,
wie eine Kröte !

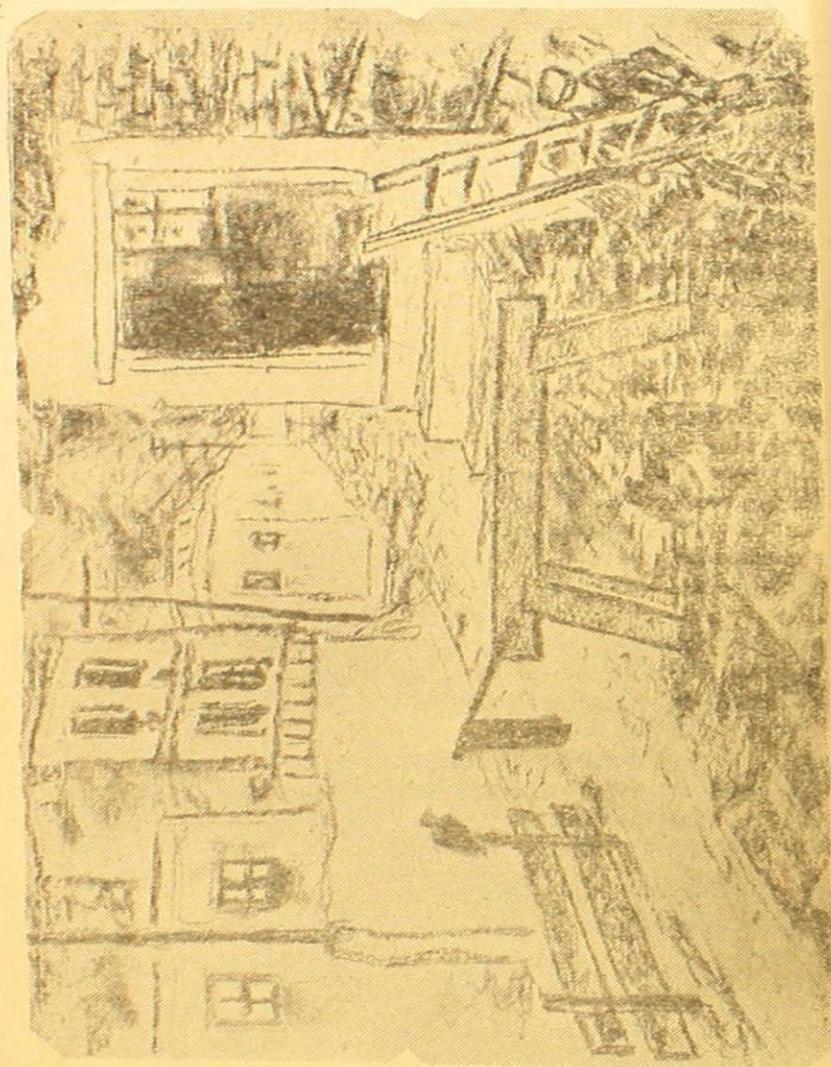
Und alles, alles scheint mir wieder schal !
Schal und trostlos.
Das ganze Leben.
Und ich biu traurig,

traurig über dich
und — mich.
Schönes, grünes, weiches Gras.
Drin liege ich.

Mitten unter Butterblumen !
Ueber mir
warm,
der Himmel;

ein weites, zitterndes Weiss,
das mir die Augen langsam, ganz langsam
schliesst.
Wehende Luft... ein zartes Summem.

Nun bin ich fern
von jeder Welt,
ein sanftes Rot erfüllt mich ganz,
und deutlich spüre ich, wie die Sonne mir durchs Blut vinnt
minutenlang.
Bersunken alles. Nur noch ich.
Selig !



O AVISO

Silveira de Souza

Pequeno estava acocorado na praia, olhos fitos no mar. A venda ali perto. Resolveu tomar um trago antes de dar o aviso.

— Tem manta lá fora — disse pro Antônio da venda — Acho que manêzinho.

Mais adiante disse o mesmo prá turma do batelão. Eram o Zé da Malvina, o Manéli, o Pretão e o Quirino. Eles saíram remando da ponta de cá de Cachoeira, quase da dobra da Barra. Lá do outro lado, de Canasvieiras, largou-se outro batelão. O aviso estava dado.

Pequeno viu-os afastarem-se, sentado na praia. O vento norte, fraco ainda, começava a ondular as águas. A ilha de Ratonas, na distância, as montanhas do Continente, que emolduravam a baía, bebiam os raios do sol da tardinha.

Zêzinho se aproximou. Chapéu de palha, pés no chão, calças arregaçadas na bainha, fumando cachimbo. Colocou a mão em concha sôbre os olhos e espiou bem lá pro alto mar. Sentou-se na areia.

Papa-terra? — disse êle.

— Acho que manêzinho — disse Pequeno.

— Hum-hum! — fêz Zêzinho.

Olhou para o lado e viu a praia enorme e larga perder-se na distância. Cachimbou. Viu também qualquer coisa que boiava ao longo de tôda a praia, trazida pelas ondas.

— Olha ali.

— Já vi — disse Pequeno — O danado do lixo.

— Vai ser como ontem?

— Sei lá!

— Tá danado mesmo, hem?

— É.

— A rêde do Fedoca estraçalhou-se tôda nos inglês, parés'que ontem.

— Eu sei. Ant'ontem. Táva cheia de lixo.

— Se continuar assim tamos mali!

— Se tamos!...

Os batelões, de pontos diferentes, remavam agora na mesma direção. Podiam-se ver os homens em pé, no batelão de cá, a preparar a rêde.

- O Durvalino foi? — disse Nézinho.
- Não — falou Pequeno.
- Diz que a polícia veio pegar o bandido que fêz aqui-lo na filha.
- Escapuiu para êsses matos, ninguém pega.
- Acabam pegando. Mas não fazem nada.
- Agora, senhor! Quem sofre é o pai.
- Hoje em dia até é bom ser preso.
- Não tá vendo êsses aí? Andam sôrtos aqui na praia, um vidão.
- Cama e comida por conta.
- Então, senhor! Nós é que trabalhamos.
- O coitado do Duvarlino fica com a menina desonrada.
- A gente de hoje já não repara mais nisso.
- Eh! Eh! Eh!
- Pois não é? Então não vejo? Antigamente sim.
- É. O pessoali hoje nasce podre.
- Isso, podre.

Nézinho limpou o cachimbo, batendo-o na palma da mão. Guardou-o depois no bolso da calça. De pé, espiou mais uma vez para os batelões, lá fora.

Horas mais tarde, anoitecia. O vento norte surrava as ondas. O movimento começava na praia. Mulheres magras e descalças, meninos enfiados em paletós grossos, enormes, estavam aos grupos, de pé, olhando o mar.

Os batelões remavam, distânciados novamente. O primeiro na ponta de cá de Cachoeira; o outro prás bandas de Canasvieiras. Vinham cautelosos, arrastando a rêde.

— Corre até o outro lado, Miguéli — gritou a Maria do Durvalino — faz a vêzi do teu pai que não pode!

— Vou até em casa buscar o facho que tá escuro.

— Anda duma vêzi, peste!

— Veja como é pitoresco o puxamento de uma rêde — disse o dr. Moura à espôsa, ambos em veraneio. A espôsa, que tinha uma cara de hipopótamo, abriu-se num sorriso de inteligente compreensão.

— Anda pessoali! Gente pro outro lado que tá faltando!

Um grupo agitado saiu em direção a Canasvieiras.

De ambos os lados, noite escura já, os pescadores trabalham. Formam fila indiana, atravessados na praia e puxam, de corpo inclinado, pés firmes na areia, os cabos da rêde. Mulheres, meninos e velhos. Em silêncio. Movimentos rítmicos. Ao redor, uma outra menina acocorada perto dos

balaios vazios. Miúdinhas, magricelas, de ventre inchado, as meninas esperam que os balaios se encham, que a pesca seja boa, que a divisão final lhes deixe alguns peixes para o almoço amanhã.

XXX

PEQUENO bebeu um trago e passou o copo adiante.

— Então só deu lixo, é? — disse o Antônio da venda, debruçado no balcão.

— Só lixo — disse Pequeno, sentado no banco de madeira.

— Com êsse mari assim é uma desgraça — falou Quirino, também sentado no banco de madeira.

— Nem adianta trabalhar mais — disse Pequeno.

— Qué dizer que o remédio é a roça, hem! — brincou Antônio da venda.

— É amargari no cabo da enxada — disse Pequeno, dando uma cuspidada no chão.

— Plantá mandioca prá fazer pirão — disse Quirino.

— Eh! Eh! — riu Antônio da venda.

O lambião da venda, rodeado de mariposas, fazia sombras. Podia ouvir-se o estrondo do mar, quebrando na praia, lá fora, na noite negra.

OPERÁRIO NA CONSTRUÇÃO

Francisco José Pereira

Armado de pá e cimento, o operário Valdo empurra o edifício para cima. No oitavo andar, lá no andaime espremido, o calor é bem mais intenso. O calor é mesmo sufocante. A camisa de física cola em seu corpo suado e os pés escaldam dentro do tamanco velho. É melhor tirá-los! E o operário Valdo tira-os. Na cabeça ainda sente aquela dor fininha que vem desde a manhã. No estômago é aquela dor grossa que pesa dentro dêle. Segura a madeira do andaime e olha o azul no céu. O calor cansa. A dorzinha é aborrecida e no estômago um apêto que dói tanto. "Coisas que passarão". Foi o dinheiro para a compra de remédio. Só tomou café da manhã: ontem e hoje. Na hora do almoço nada comeu um vazio encheu a marmita amassada. Se Júlia soubesse, ia ser uma briga danada. Mas o gurí precisava do remédio. Logo agora que o rapaz resolve ficar doente, com os exames tão perto e "olhem que vai bem nos estudos", com boas notas no boletim. Só com o café é pouco, muito pouco. E Valdo trabalha de pé, numa posição que cansa e arde. Seus braços de músculos negros estão cansados. A dorzinha aguda aperta a testa com insistência. No estômago a dor é grossa, é grande. "De qualquer maneira o rapaz não ia mesmo contiuar." Treze anos, sendo um gurí vivo, arruma-se um emprêgo de condutor, na linha de ônibus. Salário mínimo para menores e é sempre uma ajuda. "Uma ajuda que não resolve". Assim a cabeça dói mais. Por que não para de estar pensando? É sem solução. Trabalhou sempre, trabalha ainda — quarenta anos não é pouco — e não vê solução. Tem razão Tiago: um bom rapaz, mas a solução que êle apresenta demora ainda. "Isto de organizar os operários, o povo, interessados numa solução comum a todos..." Valdo precisa de uma solução imediata. Suas pernas estão doídas. Não come há dois dias. O remédio para o gurí obrigou-o ao jejum. "Um bom rapaz êsse Tiago e andou interessado por Rosa". Com êsse calor, tão forte, é pior. Já tardinha e o calor não diminui. Começa a sentir-se tonto. É melhor não olhar para baixo, e o azul está hoje mais bonito. Tontura "Deve ser o jejum". Coisas que passarão depressa. Pior é esta dorzinha e o estômago apertando, apertando.

Rosa veio primeiro e Lino veio depois. "Um casal chega" dissera-lhe Júlia e Valdo parou. Nasceram no morro, criaram-se lá. A princípio Valdo pensou em construir uma casinha, cá na baixada. Tinha umas economias do tempo de solteiro. Mas Júlia quis casamento direito. "Besteira". Queria coisa séria: véu, igreja, festa e padrinhos. Estava bem, assim! mas lá se foi o dinheiro guardado. Uma casa alugada no morro e agora, lá, é o melhor lugar. Há as melhores gentes vizinhas. Também há gente que não presta, é verdade. Aquêlê mulato Zeca, pálido, que dizem, anda tuberculoso, boêmio e malandrão, cheio de dengues prá cima dê Rosa. Mulato de olhos fundos pregados sôbre os seios novos, no busto largo de Rosa. Valdo se aborrece com êste mulato desgraçado. "Ainda dá azar". Filha bonita e Valdo a quer tão bem. São dezesseis anos de corpo mulato: é moça forte e alegre. Diferente de Júlia quando namorava, era bonita, linda mesmo, mas quieta e de uma tristeza doente.

Tiago, um marítimo, amigo de Valdo, nas conversas curtas, andou interessado na garota. Valdo notou e gostou. Rapaz direito e pensamentos sérios: "grande praça"—como diziam os colegas. Mas Rosa anda mesmo avoada e já falam de seus encontros com o Zeca, no morro escuro. Valdo ficou triste e gostando mais de Rosa. Um casamento como fêz Júlia, tudo sério, na igreja e nas escrituras, merece a filha. Mas Valdo tem mêdo, nada lhe dá certo. "Negro burro". Nada lhe dá certo.

Júlia perdeu a côr: magra, já sem beleza. Os ossos apertando o vestido barato na casa escura. Sonhou tanto em ser bom para Júlia e não o era. Isto o amargura. Era, sem querer, mau. "Merdas"! Se as coisas mudassem, se não fôsem tantos problemas, se êle visse solução, se êle entendesse. "Nada me dá certo mesmo". Valdo perturba-se.

Lino nasceu depois e veio magrinho. Diferente de Valdo que era um negro forte. Mas viera inteligente o malvado do guri. Vai bem na escola. Discute e lê, em voz alta, coisas que Valdo, semi-analfabeto, nunca aprendeu. E agora fica doente. Com a tosse mais constante e uma magreza que espanta. O médico foi gratuito mas o xarope e as injeções caras. Valdo sem dinheiro. Gastou o miserável almôço de dois dias. O salário que recebe por semana, não chega para o fim dela. Um almôço minguaado que há anos traz na marmitta amassada o deixar de pé nos andaimes altos, sem tonturas, sem estômago apertando e sem a cabeça ardendo. O importante era o guri melhorar. Não importa o jejum de dois dias. Não importa a

fraqueza que sente e até quando sentirá. Que fique bom, o rapaz. Não ia mais estudar. "Filho de negro doutor é luxo". Ser condutor. Ganhar salário mínimo também e ajudar nalguma coisa. Não há tempo para ser inteligente. "Escola é privilégio de poucos" diz-lhe Tiago. E tem razão: bobagem estudos. "Bobagem". Mas isto aperta o peito de Valdo. Curar o rapaz. Dois dias, só com café da manhã mas dá para aguentar. A noite, em casa, o café com pão que Júlia lhe faz, terminará com as tonturas e com as dores. "Vai ficar quieto este stômago miserável".

— X —

No andaime Valdo sente-se cansado. A cabeça está mais pesada Mas por que pensar tanto? Júlia sempre lhe dissera que tem cabeça leve. Júlia não entende muito. Pobre Júlia, como gostaria de ajudá-la, melhorar sua vida, dar-lhe mais conforto. "Tudo é difícil Júlia". Tão difícil. A cabeça arde. A dôr aperta muito. No estômago um vazio grande que enfraquece tanto. Tonto. "Que tontura". Ainda dará uma vida melhor a Júlia. As pernas estão dormentes. O azul do céu parece encher a cidade. É melhor segurar na madeira. Como a dôr está forte. A madeira agora, depressa. Levanta a mão mas a madeira não está ali. O andaime foge-lhe dos pés e na queda repentina Júlia lhe sorri, sorri alto, de mãos nos cabelos, com a boca tão aberta como ele jamais vira.

O FORRÓZEIRO

Fontes Ibiapina

O caboclo deu meia volta na chave da cara, e, com u'a mão sôbre a concertina e a outra no cabo da peixeira, falou rosado:

— Fecha o fôle. Se não o fechar, vai ter.

Outros gritaram:

— Tóca. Tóca... Tóca... Tóca...

— Não tóca. Quem não o quer sou eu.

— Ora não tóca... Tem de tócar...

— Se tócar, eu rasgo esta botinha para todo mundo ver.

O velho dono da casa arrancou os pés de lá da ponta do terreiro, onde vendia cachaça, que vinha fedendo a chifre queimado. Meteu os peitos de sala adentro, e foi logo falando, em voz alta::

— Que chafurdo é êste aqui ?

— É porque, de duas uma: ou esta cabrichelinha não dança, ou ninguém mais arrasta os pés aqui hoje.

— Que cabrichelinha ?

— A Maria da Conceição.

— Cabrichelinha o quê!... Dobre a língua, "seu" pançudo... Você pensa que por ela ser pobre seja rebôlo de o cão derribar juá ?

— É isto. Já disse, está dito. Aqui hoje ninguém dança mais se ela se meter a dançar, porque eu faço um "fruzue" do inferno.

— Tá doido, môço! Neste poleiro só canta um galo. (— E uma galinha, — gritou a velha). — Cala a bôca, mulher. Não meta a tua colher enferrujada no meio. Um homem é para outro.

— Pois o senhor agora vai encontrar fôrma para o seu pé, e banha para o seu facão. Vai ver como eu sou macho para matar a cobra e mostrar o cacête. Quer ver como eu viro a "mozenga", dou a gôta, e abro um cu-de-boi dos seiscentos mil diabos, — experimente. Topo qualquer parada.

O velho abrandou o farol. Pegou no braço do rapaz e disse-lhe:

— Vamos ali para o terreiro, que eu quero conversar com você é na calma. Gosto muito de seu pai, e isto assim não fica bem. Pense como eu penso, que você vai ver como eu penso bem.

— Todo penso é torto.

— Não é isto...

A turma quis acompanhá-los.

— Alto lá... A conversa vai ser só para nós. Não quero que ninguém se mêta. A casa é minha e o caso é meu.

— X —

— Me diga uma coisa, menino, que diabo você viu para se espoletar assim ?

— Foi porque ela queimou a minha mão. Não sei se estou sujo para uma dama me enjeitar sem quê nem para quê...

— Deixe de besteira, rapaz... É só ela que sabe dançar ? Há tantas outras...

— Mas "seu" Zé Prêto, o que me encabula é ela querer ser tanta coisa, e, no final das contas, não ser nada. Não vale o que um gato enterra, com licença da palavra.

— Pior ainda. Como é que você sendo um môço de família, que já estêve até no estudo, vai se trocar com uma pessoa que não é do seu pano ?

— É mesmo "seu" Zé Prêto...

— É. Deixe de tolice, e vá dançar até o sol raiar, que a casa é sua.

— Bem, mas o que mais me assanhou, foi o senhor chegar gritando por cima, como se eu fôsse um moleque seu.

— Calma lá... Eu entrei encandeado com a luz da lamparina, e não sabia com quem era a zoada. Fica o dito por não dito. Vá me desculpando por esta vez.

— Está certo. Não há de ser nada. Por mim, fica o dito por não dito também.

— X —

Zé Prêto meteu o ombro no portal, apoiou o pé no batede, e, meneando com a cabeça:

— Quando acaba compreenda êste povo de hoje... Pois o Caitano não já está dançando com a Conceição !

— Ora, "seu" Zé Prêto, — respondeu uma frangota sacodindo a poeira da saia, — êles só vivem brigando. São que nem dois cachorro-de-preá. Dou um pelo outro, e não quero um tostão de volta.

— Ah ! e êle ano com ela ?

— Se ano?... Faz é tempo. A mãe dêle tem é suado para acabar com êste chafurdo, mais ainda não pôde dar jeito.

— Ê possível, criatura de Deus, que um rapaz branco como o Caitano queira se casar com esta menina !...

— Lá disso não sei. Não meto a minha mão no fogo por ninguém. Só sei é que êste negócio dêles já está velho; bem enraizado. Se é para casar, ou para o que é, é que eu não sei.

— E os pais dela sabem ?

— Ora se não... Eles pensam até que êle vai mesmo se casar com ela.

— Já sei. Vai ter doca no fim dêste angu. Bem faço eu, que não quero botar o chapéu onde minha mão não alcança. Qualquer uma das minhas que quiser se casar um dia, há de ser com um pretinho de sua iguala.

* * *

Roque Cachimbo era o mulato mais pagodeiro daquelas quebradas E gostava de bagunças. Chorava por um barulho. Certo dia êle emendou os bigodes com Caitano numa roda-dança. Mas, o mulato até tinha razão. Expedita queimou a mão de Caitano, e Caitano chamou Expedita de um nome feio. Roque, que era irmão de Expedita, entrou no meio para falar por ela. Foi um barulho de inferno. Quando outros que se intevieram conseguiram desligá-los, Caitano estava com a cara tôda lambuzada de sangue. E o moleque gritava que para branco sem-vergonha tinha era mãos nas ventas. Era para êle aprender respeitar irmã de macho.

Caitano jurava vingança:

— Um dia nós nos encontraremos, negro safado... E você vai ver com quantos paus se faz uma cangalha e um defunto. Vai saber o quanto custa desfeitear um homem de vergonha. Meu pai, que é meu pai, nunca me bateu na cara... Um homem é para outro. E homem eu sou. Sou macho até de baixo d'água. Um dia nós nos encontraremos.

Foi dito e feito. Carregou a espingarda velha de suas caçadas com mais de quarenta caroços de chumbo, e contou na certa em mandar o moleque naquele dia para a cidade dos pés juntos. Atocaiou-o numa ponta de vereda. Quando o cabra apontou, muito ancho em cima dum burrão gordo, Caitano cochilou na mira. Cochilou na mira, apertou o dedo no gatilho, e viu o tombo. O negro caiu gritando com a mão na dor.

Passou três meses nas grades. Mas foi absolvido. Foi absolvido porque, o velho seu pai tinha prestígio de sobra diante dos homens da cidade. E Roque Cachimbo era um pé-rapado. Um pobre diabo sem eira nem beira. Não apareceu uma autoridade que desse uma palavra por êle. E Caitano saiu das grades com facilidade. E bem que lhe serviram aquêles três meses de prisão. Saiu com ares de homem de responsabilidade. Limpou o nome e se regenerou. Nunca mais quis saber de forró. Nem de cachaça. Nem de bagunças. Intrigou-se com aquelas diversões que o desnorteavam.

Estava regenerado o rapaz. Entregou-se ao trabalho de corpo e alma, e se tornou um ente querido por aquelas redondezas.

Julietta era sua prima. Prima legítima. E era bonita. Tinha os olhos grandes, os cabelos longos, a cintura fina, os seios erectos e as pernas grossos. Era bonita, e morria de amôres por êle. Um dia Caitano resolveu mudar de nome. Precisava de se casar. Botou a cerimônia para um lado da cara e pediu a mão de Julieta a casamento. O velho não pôs obstáculo. E justaram o casório. Nos fins-d'águas, no quente da colheita, êles se casariam. Estava tudo certo. E a festança ia ser boa.

O pai de Caitano andava rindo com os paus. O filho estava regenerado e ia se casar com Julieta. A môça mais bonita e mais decente daquelas cercanias ser sua nora.

— X —

— Sabe de uma coisa ? minha velha.

— Já sei. É armada daquele menino. Vá me dizendo logo, que eu já vivo com o coração na mão. Você se iludiu, mas eu nunca acreditei nesta regeneração dêle.

— É mesmo. O Zé Vicente levou uma queixa dêle para o Delegado. E é coisa grossa...

— Não me diga, homem de Deus !... E o que foi ? !

— Foi o Caitano que boliu com a Dorotéia filha dêle.

— Não é possível !... Já vi mesmo que êste filho veio ao mundo para nos dar dor de cabeça. Faz seis meses amanhã que êle saiu da cadeia, e lá se vem outra embrulhada.

— Aquela não foi nada, porque êle estava coberto de razão. Quando êle foi desfeitoado, eu fui o primeiro a dizer-lhe que, se não se vingasse, não me tomasse mais a benção, nem me chamasse de pai. E ainda fiquei com pena porque o peste do Roque não morreu.

— Mas ficou aleijado. Anda cachinando por aí, e todo mundo sabe quem foi que quebrou a sua perna com uma carga de chumbo. Melhor. Limpou o nome e não é criminoso. E se o diabo do negro houvesse esticado as canelas, o Caitano ainda hoje estivesse prêso.

— Deixe de tolice, mulher... De qualquer maneira êle se livraria, porque, o meu prestígio com o coronel Manoelzinho é grande, especialmente agora que as eleições vêm ali.

— Vamos chamá-lo à razão. Cai-i-tan-an-no...

— Senhora.

— Venha cá, por favor.

— Pronto. O que é ?

— Foi descoberto que você mexeu com a Dorotéia de "seu" Zé Vicente. E ela é menor. O caso já está na Polícia.

Baixou a cabeça, e ficou olhando para os pés. E o velho lhe perguntou sisudo:

— Como é? Deve ou não deve a esta môça? Se deve, não minta, que você é filho de um homem que nunca mentiu em cima da terra.

— Devo sim, senhor.

— E não há outro no meio?

— Há não.

— É só você?

— Só eu mesmo.

— Pois então, meu filho, embora contrariando a mim mesmo, ela irá ser minha nora, que é para você aprender a regra do bem viver. Sinto muito você não se casar com Julieta. Veja bem: ao invés de Julieta, minha primeira nora vai ser uma moleca.

— Se você ouvisse os conselhos de sua mãe, não estaria hoje nesta camisada de sete varas. Não sei mesmo, meu Deus, como é que dois irmãos gêmeos, que tanto se parecem, são tão diferentes no proceder! Não é porque o Casimiro esteja para se formar, mas, aquêle sim, — é um homem de péso e medida. Muitos o tacham de orgulhoso, mas, êle não o é. O que êle tem é juízo, e sabe que êste Zé-povinho enxerido quando a gente dá a mão quer é o tronco da coxa.

— Não mandei o papai me tirar dos estudos.

— Muito me admiro de você ter a petulância de vir com uma resposta desta!! Será que já se esqueceu do que gastou em três anos de estudo?!

— Não quero conversa. Casar com ela, é que não me caso.

— Não se casa... Olhe para a minha cara e veja que eu sou um velho de vergonha. Nasci no século passado, meu filho... Não fui inventado como os homens de hoje são. Nasci de tempo e mamei de jeito. Quando digo que faço uma coisa, faço-a mesmo.

— Posso me casar, mas, não viverei com ela um dia.

— Tem de viver. Queira-o, ou não o queira. Quem não pode com o pote, não pega na rodilha.

— X —

No dia seguinte, 25 de junho de 1945, realizou-se o casório na capela da cidade.

Após uma boa dose de conselhos do velho vigário da freguesia, homem afeito em guiar muita gente para o bem, retirou-se o casal com os convivas.

Iam mais ou menos pelo meio da nave, quando Caitano se afastou da turma. Derrapou por uma porta lateral, azulou no mundo, e voltou à vidinha das cachaçadas e pagodeiras.

Edições "SUL"

- 1 — Velhice e outros contos — Salim Miguel
- 2 — A Ponte (prosa e verso) — Antonio Paladino
- 3 — Alguma Gente (histórias) — Salim Miguel
- 4 — Piá — contos — Guido Wilmar Sassi
- 5 — Contistas Novos de Santa Catarina — Introdução de Nereu Corrêa — Edição ilustrada por artísticas plásticos catarinenses
- 6 — Rêde — romance — Salim Miguel
- 7 — Teodora & Cia — contos — A. Boos Junior

Cadernos "SUL"

- 1 — Idade 21 — poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 2 — Manhã — poemas — Eglê Malheiros
- 3 — A morte de Damião — farsa em 1 ato — Ody Fraga
- 4 — Macaco-Prego (lembrança sul-americana) — Mateus-Maria Guadalupe
- 5 — Terra Fraca — poemas — Anibal Nunes Pires
- 6 — Marquês Rebelo, poeta Morto — ensaio — Hélio Alves de Araújo

Dentro do breve, nas edições SUL

- 8 — Amigo Velho — contos — Guido Wilmar Sassi
- 9 — Introdução à literatura catarinense — ensaio — Osvaldo F. de Melo filho

nos cadernos "SUL"

- 7 — Praça da angústia — teatro — Antonio Simões Jr.

Em preparo nas edições SUL

- 10 — Província — contos — J. P. Silveira de Sousa
- 11 — Bartolomeu — romance — Arnaldo Brandão
- 12 — Arte Primitiva — ensaios — Edmond Jorge
- 13 — Teatro — peças em 1 ato — Augusto dos Santos Abranches
- 14 — Véspera — novela — Eglê Malheiros
- 15 — Cinema e Educação de Base — ensaios — Ody Fraga
- 16 — Lendo e Anotando (apontamentos críticos) — S. M.
- 17 — Histórias do Sertão — contos — Osvaldo de Oliveira

nos cadernos "SUL"

- 8 — Poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 9 — Fortunato Barbosa, escriturário padrão F. — novela — Osvaldo R. Cabral
- 10 — Ensaio Geral — ensaios de teatro — Ody Fraga
- 11 — Mito e Religião — ensaio — Edmond Jorge
- 12 — Primavera Roubada — poemas — Fernando Correia da Silva

Revista e Edições "SUL"

Praça XV — Nº 27 — Caixa Postal, 384

Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil

OSVALDO FERREIRA DE MELO (filho).

O Boi de Mamão

NO

FOLCLORE CATARINENSE

As aquarelas que ilustram a presente edição são de autoria de Orlando Ferreira de Melo.

Cadernos SUL

1957

A fim de atender a vários pedidos procedentes de todo o país, a Revista SUL publica neste número o trabalho de Osvaldo Ferreira de Melo (filho), **O Boi de Mamão no Folclore Catarinense**, cuja segunda edição se achava esgotada há três anos.

SUL pensa, assim, estar colaborando para a divulgação de um dos assuntos mais curiosos do folclore catarinense.

INTRODUÇÃO

Dentre os autos populares tradicionais no Brasil, parece-nos que o mais generalizado é o Bumba-meu-boi ou Boi-Bumbá, há alguns anos atrás incluído no Ciclo de Natal, mas com frequência assinalada, atualmente, nos festejos pré-carnavalescos. A seu respeito, muito já se tem escrito. Vários estudiosos levantaram hipóteses tratando da sua origem, fundamentos étnico-culturais e transformação, embora nenhuma delas, fôsse até hoje, suficientemente comprovada. De fato, devido à sua complexidade, o **auto do boi** apresenta elementos que poderão ter as mais diversas procedências. Estudando o folclore português, vemos que não há tradições que, sôzinhas, o pudessem preceder. Isso levou Artur Ramos, após paciente estudo, a atribuir-lhe raízes nos totens de certas tribus da África, das quais saíram escravos para o Brasil. Outros, porém, lembram o cortejo do "Boef Gras", que é tradicional na França, ou vão mais longe, até o Bezerro de Ouro construído pelos hebreus, ou mesmo ao Boi Apis dos Egípcios. Alguns, menos rebuscadores no tempo, encontraram influências indígenas que originariam figurantes como o **caipora**, e a discussão se prolonga. Independentemente, porém, dêsse estudo exegético que pode e deve ser feito desde já, achamos que ainda convém pesquisar diretamente essas farândulas mesmo na sua forma atual, por todos os recantos do País. Para estabelecer conclusões, é preciso ter dados suficientes para comparação e análise. E dados certos, recolhidos e expostos criteriosamente, sem outra intenção senão aquela de contribuir para a Ciência.

Isso, tão sômente isso, nos move a trazer alguma coisa de pesquisa pessoal, feita no Estado de Santa Catarina. Não intencionamos fazer digressões. Interessa-nos divulgar material e informações para estudos posteriores. Quase o mesmo que fizemos, em 1949, pelo Departamento Estadual de Estatística, com uma pequena monografia (1). Apenas, agora, trazemos alguma coisa que não tínhamos na época e que pudemos colher em trabalho de equipe com outros companheiros da Comissão Catarinense de Folclore.

O BOI DE MAMÃO: Um auto popular

Em Santa Catarina (e parece-nos que apenas em Santa Catarina) as danças do "boi" têm uma denominação dife-

(1) O Boi de Mamão no Folclore Catarinense, Departamento Estadual de Estatística, Florianópolis, 1949.

rente das de todo o resto do País. O povo as conhece por **Boi de Mamão** e esta denominação, mau grado os nossos esforços, não pôde ser esclarecida. A mais antiga referência a ela feita, encontramos em José Boiteux (Águas passadas, Destêro, 1932) numa descrição dêsse auto referente ao ano de 1871. Lemos, a certa altura, o seguinte: "Já então informado de que seria agradável ao Presidente dansasse o boi em frente ao palácio, ali ergueu o vaqueiro a guilhada e gritou: — Ei, **bumba-meu boi!** Meu **boi-de-mamão!**" (2). Vemos aí as duas denominações das quais a primeira, hoje, em todo o litoral catarinense (3) desapareceu completamente. Em nossa monografia já citada, lembramos a possibilidade do nome atual ter encontrado origem no fato de haverem sido usados mamões verdes na confecção das cabeças dos "bois". Até hoje nada mais conseguimos apurar a respeito.

Outra característica absoluta da região, segundo confirmação que tivemos após farta correspondência com folcloristas de vários Estados, é a "**bernúncia**", da qual nos ocuparemos mais adiante. O restante é apenas uma variante do auto do **bumba-meu-boi** tal como é conhecido em todo o País. Praticamente as mesmas carcaças de pano e massa, com armações de taquara e bambu, os mesmos dançarinos ágeis, o desfile dos bichos, cuja variação é ilimitada, a morte do boi, sua ressurreição, cantos alusivos, tudo isso com música alegre quase sempre em tempo binário e acompanhado de violões, cavaquinhos, gaitas, tamborins, chocalhos e pandeiros. Também, da mesma maneira que nas outras regiões, nesse auto só tomam parte ativa elementos do sexo masculino, sendo mais freqüentes indivíduos da raça negra.

Nas várias danças a que assistimos (4) no litoral de Santa Catarina, de São Francisco a Laguna, as encenações obedecem sempre ao mesmo esquema:

1) A chegada do cortejo no local onde se anunciou a dança. Os dançarinos trazem as suas armações; os "tocadores", os seus instrumentos — pandeiros, tamborins, chocalhos e reco-reco — e vêm todos cantando, fazendo alusões ao dono da casa homenageada.

(2) *Grifos do A.*

(3) Após vários inquéritos feitos em todos os municípios do Estado, verificou-se que, exceção feita ao litoral, não são registradas as danças tradicionais do ciclo de Natal e Reis. Lentamente, porém, o elemento italiano que forma grandes grupos no sul e no oeste, está assimilando alguns costumes do litoral. O mesmo não se dá, porém, com o elemento germânico. No Vale do Itajaí, onde os traços culturais dominantes são de origem alemã, essas festas são totalmente desconhecidas.

(4) Pesquisas limitadas entre 1948 — 1953.

2) É feito o círculo, localizando-se em um ponto os "cantadores", geralmente de cinco a oito, que acumulam a função de "tocadores".

3) Começa o desfile. Vem primeiramente o boi, trazido pelo **Pai Mateus** (também o chamam vaqueiro e virgulino.

4) Em meio à dança, verdadeiro dueto de "ballet", o **Pai Mateus** com uma vara catuca o boi, que tomba inerte.

5) Cessam o canto e o acompanhamento. É chamado o **feiticeiro** (o **benzedô**). Saem alguns participantes a angariar dinheiro.

6) No ínterim, entra o **urubu** que tenta bicar o boi caído. O **feiticeiro**, chegando, dança a sua frente, impedindo-o no intento.

7) É benzido o boi, após uma prolongada farsa em que se representam verdadeiras chanchadas de circo. Quando o boi se levanta e torna a dançar, a música recomeça vivamente.

8) Entra o **cavalinho** prá laçar o boi. Conseguindo fazê-lo, leva-o para fora do círculo.

9) Começa o desfile dos demais participantes. Em geral, elementos recém-introduzidos e com frequência em determinados lugares. Assinalamos o **cavalo marinho** e o **cachorro** na Laguna, o **urso** em Imaruí, Santo Amaro, Biguaçu, São José, Palhoça e Florianópolis, a **cabrinha** em tôdas as representações (elemento tradicional), a **maricota** em Florianópolis, São Francisco, Itajaí, Santo Amaro e São José, o **tigre** em Florianópolis, e adjacências, e alguns outros que não puderam ser identificados precisamente.

A **bernúncia** (brenunça ou bernunça) é elemento corrente em todo o litoral e o que mais interesse desperta (V. Nunca a vimos só. Aparece, sempre, como apoteose na apresentação do auto do **boi de mamão**. Os dançarinos mais lépidos são designados para representá-la e sempre em número de dois (note-se que nesses festejos os "bichos", exceto a bernúncia, são bípedes). A bocarra é aberta pelo dançarino que vai à frente e pela goela enorme escorregam as crianças que aceitam a brincadeira. O dançarino da retaguarda ajuda o desvencilhamento dos garotos, passando-os por baixo do pano.

A respeito da origem da grotesca bernúncia, temos uma hipótese que parece encontrar apóio em modernos conhecimentos de mitologia. Acreditamos que ela seja uma representação teatral da lenda do **bicho-papão**, tão arraigada na sub-consciente da população que descende do colonizador açorita. O **bicho-papão** é um devorador de crianças e as mães cantam assim para os filhos:



O Bói é lacado

Dorme menino
O bicho ai vem
Comendo crianças,
Mulher também.

Bicho Papão
Sai de cima da janela
Foge menino
Senão êle te pega.

A bernúncia, nas danças tradicionais serve para assustar as crianças. Já começaram mesmo a surgir histórias (pelo menos registramos uma no município de Florianópolis e outra em São José) confundindo a figura da bernúncia com a do bicho papão. É temática esta quadra nos cantos de dança da burlesca figura:

Bernúncia, minha bernúncia,
Vou te mandar chamar
Foge menino pequeno,
Prá ela não te pegar.

Alvaro Tolentino de Souza, em trabalho publicado no número 5 do Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore, refere-se a uma história que ouviu de um tal de Felipe, pescador em São José, na qual o narrador atribuiu a invenção da bernúncia a um "dançadô" de boi de mamão, residente em Itajaí. Em sendo verdade isso, temos, então, no tal fazedor de "bichos", não o inventor propriamente dito, mas um indivíduo a transportar para o mundo objetivo, um pouco de sua percepção do mundo místico. E o seu mundo místico ou simbólico estava povoado de imagens de um bicho devorador de crianças, do qual êle fugiu quando pequeno, e ao qual se prendia de qualquer modo durante toda a sua vida. Outros teriam dado formas diversas ao mito. Aquêle de Itajaí fora melhor sucedido. Sabemos lá que fatores teriam levado o povo a aceitar e popularizar aquele "bicho" em suas farândulas, e isso em tão pouco tempo. Seria possível também a influência secundária de outro mito qualquer que, fundindo-se com o do bicho papão, tivesse, como resultado material de seu sincretismo, a estranha, cativante e curiosa figura da bernúncia. Essa suposição entretanto não nos leva a aceitar a teoria que o ilustre folclorista Joaquim Ribeiro demonstrou em artigo publicado no "Diário da Manhã", em edição de 10. de Junho de 1951, em Florianópolis. Na sua hipótese, a bernúncia seria influenciada pela lenda germânica do *bern-vulf*. Como *bern-wulf*, etimologicamente, jamais daria ber-



Permenores das armações do "Boi" e da "Cabrinha"

núncia, o ilustre A. sugere a possibilidade de ter sido formado um hibridismo vocabular, resultando bern-onça, bernonça, bernunça, bernúncia. Essa hipótese, embora bem fundamentada à primeira vista, deixou de nos interessar desde que um inquérito demológico, levado a efeito pelo Departamento Estadual de Estatística, provou que em nenhum município de influência étnico-cultural alemã assinalava-se a existência da bernúncia. Seu aparecimento restringia-se à zona litorânea de predominância açoriana, área geográfica da lenda do bicho papão no Estado. A nossa opinião sobre o vocábulo **bernúncia**, é a mesma do frei Odórico Durieux que, numa carta ao professor Orlando Ferreira de Melo, publicada em o número 5 do Boletim Trimestral, apresentou a única etimologia razoável: abrenuntio, a brenuntia, a bernúncia. O deslocamento do **a** inicial formando o artigo; a acomodação da vogal final em gênero e a metátese operada na primeira sílaba são metaplasmos perfeitamente aceitáveis. E isso vem reforçar a nossa hipótese, estabelecendo-lhe apóio. **Abrenuntio** é a resposta que o batizando dá à célebre pergunta: **Abrenuntias satane?** O povo, que não sabe latim, teria, por um processo de transferência ideativa e semântica, ideantificado a palavra **abrenuntio** com **satanaz**. **Satanaz**, segundo concepção hoje aceita, é o inspirador de todos os "mitos do mal". **O bicho papão** é um deles e a **bernúncia**, uma forma colocada no mundo exterior. Entre eles parece haver uma só linha mitológica e nisso somos levados a crer até que se prove em contrário.

É importante assinalar, ainda, que o boi de mamão é elemento independente dos demais autos populares no ciclo de Natal, sendo mesmo, de uns anos para cá, mais frequente pela época do carnaval, o que explica o fato de não haver desaparecido de todo nas cidades. Sabemos que identificando-se, com ritmo e tradição carnavalescas, mais fácil se lhe torna a sobrevivência. Já os **ternos de reis**, por exemplo, exceção feita às vilas do interior, não encontram mais portas que se lhes abram. A todos parece bem melhor ouvir os grandes corais interpretando canções de Natal com o simples ligar da eletrola, do que os pobres duetos em terças, entoados à frente da casa à guisa de lóas a Cristo, por meia dúzia de "cantadores" rouquinhos. Mas toda manifestação tradicional só desaparece depois das últimas tentativas de sobrevivência. E acredito que o deslocamento das danças do boi de mamão para as comemorações carnavalescas, seja a última tentativa inconsciente do povo para mantê-las. No carnaval, os dançarinos saem livremente às ruas e todos são bem recebidos. Não é tão



Bernúncia

difícil dançar o boi em ritmo de samba moleque. Quem não pode viver diferentemente no meio, mas quer viver, adapta-se. Em Florianópolis, nas proximidades do Morro do Antão e do Morro do Chapecó, quem quizer assistir a uma representação do boi de mamão, estará sujeito a ver as danças acompanhadas por minúsculas escolas de samba. As vezes, a melodia, o ritmo e os versos são tirados do rádio. A secular estratificação dos elementos que compuseram o auto, juntam-se outros, condicionados pelo ambiente. Não aceitamos que um fato folclórico se deturpe. Acreditamos, sim, na mutação, na acomodação do fenômeno. Para isso, morrem algumas formas de exteriorização. Cada elemento novo dêesses que surgem em avalanche é como uma pá de terra sôbre o cadáver de um "modo de ser", cujo funeral é o mais pitoresco que se possa imaginar, todo êle feito em meio às cantorias alegres e ao batucar de puitas, surdos e tamborins.

DUAS PESQUISAS

I

Local: Pedra Grande — Florianópolis.

Data: 23/1/49.

Participantes: Oito cantadores, o boi, a cabrinha, o cavalinho, o pai mateus, o feiticeiro a bernúncia.

Versos colhidos:

VERSOS DO BOI

— Vaqueiro, traz o boi,
Não me queira demorá.

— Vem cá meu boi, vem cá!

— Quero ver Mateus dançando,
Pra fazer o boi cansá.

— Vem cá meu boi, vem cá!

— Quero ver o boi de mamão
Vir dançar rentinho ao chão,

- Vem cá meu boi, vem cá!
- Atravessá no caminho,
E não deixar ninguém passá.
- Vem cá meu boi, vem cá!



Armação do "Boi"

- Atravessá numa lagôa,
Onde nunca ninguém passô.
- Vem cá meu boi, vem cá!
- Sete corrente que tinha,
Tôdas sete arreventô.
- Vem cá meu boi, vem cá!

.....

Após tôda a encenação da morte e ressurreição do boi:

- Alevanta boi dorado,
Alevanta de vagar.
Já te disse uma vez,
Não te torno a mandar.
Te apronta e vai embora
Que tua dança tá na hora.

VERSOS DO CAVALINHO

Chamador: — O meu cavalinho.
Ele já chegou
O dono da casa
Não cumprimentou.

Côro: — O meu cavalinho,
Com laço de fita;
O ginete dele,
É moça bonita.

Bis.

O meu cavalinho
Cavalo picaço,
O ginete dele
E que traz o laço.

.....
O meu cavalinho,
Não tem mais demora.
Dá a meia-volta
Laça e vai embora.

VERSOS DA CABRA

Côro:
Côro: — Vem vaqueiro traz a cabra,
— Ei cabra, ei cabra,
— Não me queira demorá,
— Ei cabra, ei cabra,
— Esta come laranjeira
— Ei cabra, ei cabra.
— Alecrim e mangará
— Ei cabra, ei cabra.

.....
— Vaqueiro arretira a cabra

— Ei cabra, ei cabra.
— Já te disse uma vez
— Ei cabra, ei cabra.
— Não torno a mandá.

O Cavalinho



Armando
72

VERSOS DA BERNÚNCIA

— Ó vaqueiro da bernúncia
Uma cousa eu vou contá.

Côro: — Olê, olê, olê, olê, olê, olá.
Vaqueiro da bernúncia
Traz a bernúncia prá cá.

— Esse bicho come gente
Que é de amedrontá.

— Olê, olê, etc.

— Pega o bicho na corrente
E traz êle prá cá.

.....

VERSOS DA DESPEDIDA

— Vamo embora minha gente
Bananera chorá, chorá.

— Pra lugar diferente,
Bananera chorá, chorá.

.....

II

Local: Coqueiros, Florianópolis.

Data: 22/12/48.

Participantes: Cinco cantadores, o boi, o cavalinho, a ca-
bra, o urso, a bernúncia, o pai mateus, o feiticeiro, o urubú.

Versos colhidos:

VERSOS DO BOI

— O Mateus traz o boi,
— Ei boi, ei boi.
— Não me queiras demorá.
— Ei boi, ei boi.
— O meu boi é da Tjuca.

Após o boi cair e ressuscitar:

- Alevanta boi malhado,
- Ei, boi, ei boi!
- Se não tens que apanhá,
- Ei boi, ei boi!
- Deves dançá sem mais demora.
- Ei boi, ei boi!
- Dar meia volta e ir embora.
- Ei boi, ei boi!

VERSOS DO CAVALINHO

- O meu cavalinho
Ele já chegou,
Tôda a assistência, ó maninho,
Já cumprimentou.
- Côro: — bis.
- O meu cavalinho
Vem que tem que vir,
Que a viagem é longa, ó maninho,
Temos que seguir.
- Côro: — bis.

VERSOS DA CABRA

- Oi que bicho que vem,
- Ei cabra, ei cabra!
- É a cabrinha e vem pulando,
- Ei cabra, ei cabra!
- Quero ver minha cabrinha
- Ei cabra, ei cabra!
- Vir dançá rentinho ao chão.
- —Ei cabra, ei cabra!
-
- Ei cabrinha tá na hora,
- Ei cabra, ei cabra!
- Dá um pulo e vai embora
- Ei cabra, ei cabra!

VERSOS DA BERNÚNCIA

- Bernúnça, minha bernúnça
Bernúnça do coração
A bernunça dança bem
Quando chega no salão.

- Côro: — bis.
 A benúnça vem chegando,
 Espalhando tôda gente.
 E o bicho que alvorança,
 Quando chega de repente.
- Côro: — bis.
 A bernunça tá dançando,
 Ouve que diz um colega
 De noite não vá prá rua,
 Que a bernunça te pega.
- Côro: — bis.

VERSOS DO URSO

- Lá vem um bicho todo peludo,
 Que vem dançando todo sizudo.
- Ai, ai, ai,
 Todo urso é dançadô. (bis)
- O bicho dança, prá lá e prá cá.
 Pula um pouco prá ir descansá.
- Ai, ai, ai, todo urso é dançadô;
 Ai, ai, ai, todo urso é dançadô.

VERSOS DA DESPEDIDA

- Pelo rio abaixo
 Vai um batelão,
 O que vai dentro
 É um boi de mamão
 ou então
- Nós já vamo embora,
- Bananeira, chorá, chorá;
- Que tá chegando a hora,
- Bananeira chorá, chorá.

PROCURE ADQUIRIR E LEIA

VÉRTICE

Revista de Cultura e Arte

Uma das mais bem feitas e melhores revistas de cultura e arte de Portugal.

Uma revista viva, atuante, que procura estar ao par do movimento cultural de Portugal e do mundo.

Colaboram em "Vértice" os principais nomes das letras e das artes em Portugal.

Noticiário constante a respeito do movimento cultural e artístico do Brasil.

Colaboração de jovens escritores brasileiros

VÉRTICE — revista de cultura e arte — Diretor e proprietário: Raul Gomes, Editor: Mário Braga. Delegado no Brasil: Henrique Pereira Santo — R. São Clemente, 250 — Casa 10 — Botafogo — Rio de Janeiro.

Também qualquer informação a respeito pode ser solicitada à nossa redação: "SUL" — Caixa Postal, 384 — Florianópolis — Santa Catarina — Brasil.

NOTAS E COMENTÁRIOS

TEATRO EM FLORIANÓPOLIS

Os grupos teatrais em Florianópolis já estão famosos pela curta duração das suas atividades. Eles nascem, realizam dois ou três espetáculos e depois morrem. Vida efêmera, a de todos eles. E o desaparecimento não é consequência do fracasso das suas encenações. Em absoluto. Com raras e bem recentes exceções, se recordamos as peças apresentadas pelos inúmeros grupos de teatro que viveram na na Ilha, nestes últimos tempos, concordaremos que foram peças bem selecionadas e cuja montagem, na maioria delas bastante segura, agradou plenamente o público de Florianópolis. Por que então desapareceram, esses grupos? Dissidência entre os seus membros? Falta de apoio material? Excesso de "estrelismo" ou "vedetismo"? Não sabemos. Bem possível que, alternadamente, cada uma dessas razões contribuisse para a morte de cada grupo.

Surge agora um novo grupo — o Teatro Experimental de Santa Catarina — com um vasto programa de ação. O TESC nasceu da fusão de dois antigos grupos existentes em Florianópolis: o Teatro Experimental e o Teatro Catarinense de Comédias. Seu objetivo principal: fazer teatro de estudo. Pois é comum entre amadores (compreendendo-se a palavra amador no seu melhor sentido) a preocupação muito grande de organizar espetáculos de efeito, ou condicionar o repertório ao gosto do público, gosto muitas vezes estragado. O que parecerá natural entre profissionais, não o é, entretanto, para os grupos amadores. Num país sem cultura teatral, como o Brasil, em que as companhias comerciais apenas contribuem, exceções poucas, para o acréscimo do máu gosto, têm os amadores a função (e a obrigação) de instruir, orientar o povo no sentido do verdadeiro teatro. Esta a finalidade a que se propôs o Teatro Experimental de Santa Catarina.

Atualmente, o TESC ensaia a excelente peça de J. B. Priestley, *ESTÁ LA FORA O INSPETOR*. É a seguinte, a organização do grupo:

Atores e atrizes — Murilo Martins,

Miro Moraes, Nemrod Lebarbenchon, dr. Ronaldo Oliveira (Marron), Felix Kleis, Maria Helena Bernardes e Beatriz Luz.

Cenaristas — Hugo Mund Jr. e Rodrigo de Haro.

Departamento de propaganda: Jorge Cherem, Silveira da Penha, Francisco Pereira.

Direção: Silveira de Souza.

Não se deve esquecer, nesta nota, o interesse e a boa vontade da Secretaria de Educação e Cultura, que através do seu Departamento de Cultura, colocou os seus préstimos à disposição do novo grupo Teatral.

S. de S.

CLUBE DO LIVRO "SUL"

(em organização)

Foi de uma conversa com o escritor Esdras do Nascimento que surgiu a idéia. Esdras sugeriu: "— por que não organizam vocês um 'Clube do Livro'? Isto viria facilitar o plano de edições, permitiria mesmo uma ampliação. No decorrer da conversa a idéia foi se solidificando, se concretizando. Esdras do Nascimento esteve aqui três dias — e ao partir já tínhamos, em princípio, organizado o plano para o Clube do Livro, estudado todas as possibilidades. Uma Comissão de Seleção interestadual foi proposta, dela fazendo parte, inicialmente, os seguintes nomes: Silvio Duncan (R. G. do Sul); Salim Miguel (Santa Catarina); Adalmir da Cunha Miranda (S. Paulo); Esdras do Nascimento (Rio de Janeiro); e Braga Montenegro (Ceará).

O Clube do Livro "Sul" publicará edições uniformes, em três series (ficção, ensaio e poesia), ao preço único de Cr\$ 40,00, com um livro brinde para cada serie de seis. O assinantes se compromete a retirar o livro que lhe for remetido pelo reembolso, devendo comunicar com antecedência quando se desinteressarem pelo livro a ser lançado. Terá direito ao livro brinde o assinante que retirar os seis lançamentos seguidos.

O Clube do Livro "Sul" pretende divulgar em especial valores novos, mas isto não significa qualquer limitação. Pelo

contrário, todos os originais enviados, de qualquer parte do Brasil, serão estudados com a mesma atenção.

Os primeiros lançamentos deverão ser os seguintes:

A LUTA DO CINEMA BRASILEIRO — ensaio de Nilton Nascimento

Volume de contos de Esdras do Nascimento

CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA — segunda série

Volume de ensaios de Braga Montenegro

VÉSPERA — novela de Eglê Malheiros
Qualquer informação a respeito poderá ser solicitada à

Revista e Edições "SUL"

Praça XV — N. 27 — Caixa Postal, 384
Florianópolis — Santa Catarina

PRÊMIOS CULTURAIS DA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

I — A fim de estimular a cultura nacional e atrair ao programa editorial, da Biblioteca do Exército, obras de real valor, distinguindo os respectivos autores, o Ministério da Guerra, através da Biblioteca do Exército, manterá dois Prêmios Culturais Permanentes: o Prêmio "General Tasso Fragoso" e o Prêmio "Pandá Alógeras".

II — Os Prêmios serão distribuídos alternativamente, o primeiro nos anos pares, o segundo nos ímpares.

III — Os Prêmios serão no valor de 100 mil cruzeiros.

IV — O Prêmio "General Tasso Fragoso" será conferido ao autor do melhor trabalho inédito, selecionado na forma do presente Regulamento, versando assunto de cultura militar, compreendendo-se como tal: História Militar (incluindo Memórias, Biografias ou outras contribuições que constituam subsídios históricos fidedignos e valiosos), Geografia Militar, Geopolítica, Economia da Guerra, Sociologia e Filosofia da Guerra ou quaisquer matérias colocadas do ponto de vista da Defesa Nacional, excluindo-se, entretanto, os trabalhos de natureza estritamente técnica.

V — O Prêmio "Pandá Calógeras" será conferido ao autor do melhor livro inédito de estudos brasileiros, que não inci-

lam sobre matéria compreendida nas especificações do item IV.

VI — A ambos os Prêmios só poderão concorrer brasileiros natos.

VII — As inscrições estarão abertas, cada ano, entre 1º e 31 de agosto.

VIII — O encerramento das inscrições, no dia 31 de agosto de cada ano, obedecerá ao horário do expediente do Ministério da Guerra nesse dia, prevalecendo, nas mesmas condições, o dia anterior, se a data de 31 coincidir com domingo ou ocorrer qualquer outro impedimento nesse dia, ou em dias sucessivos, no funcionamento de rotina do Ministério da Guerra.

IX — A inscrição será feita mediante carta do autor, sob pseudônimo, dirigida ao Diretor da Biblioteca do Exército, e acompanhada de cinco vias do trabalho que irá concorrer, permitindo-se, entretanto, que as ilustrações, porventura existentes, sejam apresentadas em uma única via, constituindo volume à parte.

X — A identificação do concorrente (nome e endereço) deverá ser encerrada num envelope lacrado e anexada à carta que trata o item VIII.

XI — Será considerada desclassificada a obra cujo autor se denunciar, intencionalmente ou não, por qualquer referência contida no texto.

NOTICIÁRIO CULTURAL DA TCHECOSLOVÁQUIA

A Filarmônica tcheca acaba de obter grande êxito no Festival Internacional de Música em Viena. A orquestra interpretou obras de Schubert, Smetana e Mozart.

Nas fábricas para instrumentos musicais em Krnov Moravia acaba de terminar-se a construção do órgão mais potente do país, destinado à Faculdade das Artes musicais de Bratislava, capital de Eslováquia. O órgão pesa 26 toneladas, requerendo o traslado de suas partes 4 vagões de ferrocarril.

O conjunto de canções e balles de Eslováquia, Lúenica, formado pelos melhores cantores, músicos e bailarinos de entre a juventude eslovaca, visitou vários países da América Meridional. As suas representações foram acolhidas com entusiasmo por parte do público ameri-

cano. O conjunto existe desde há seis anos e obteve resonantes êxitos em vários países europeus. Em 1951, foi premiado com o Prémio do Estado.

O elenco do Teatro Nacional de Praga tomou parte no festival dramático de Paris, representando a peça do artista nacional, o poeta Vítězslav Nezval "O sol ainda não se põe sobre a Atlântide" a obra dramática de Karel Capek "O ladrão".

No mês de junho de 1956 publicou-se em Praga a tradução tcheca da notável obra de Jesue de Castro, "Geografia da fome". A tiragem da tradução tcheca é de 7.400 exemplares. Nas resenhas que já se publicaram na imprensa tcheca, se sublinha a importância desse trabalho, o qual sugere várias medidas de combate à fome nas diferentes partes do mundo.

Com motivo de 50 aniversário da morte do escritor norueguês Enrique Ibsen realizaram-se em Tchecoslováquia vários actos recordatórios. As obras de Ibsen são muito conhecidas nas cenas tchecas já a partir dos anos 80 do século XIX. Algumas das suas peças, p. ex. "Nora", "Peer Gynt" e "Hedda Gabler" formam parte permanente do repertório teatral. Comissão de Seleção interestadual foi tchecoslovaca. O público cultural do país comemorou também o 100 aniversário do nascimento do dramaturgo inglês G. B. Shaw. Foram organizados vários actos recordatórios e em 2 tomos foram publicadas as Obras escolhidas da célebre autor.

Com a renovação do templo católico na aldeia de Olená em Tislováquia o número das Igrejas restauradas por conta do Estado atingiu já 7.00.

O elenco da ópera do Teatro Nacional de Praga conquistou um grande êxito em Berlim, representando as óperas dos compositores nacionais, Smetana, Dvorák e Suchon.

A "Conferência internacional sobre a obra de Mozart" assistiram representantes de 28 países. A organizadora dessa conferência, convocada a ocasião do 200 aniversário do nascimento do compositor, era a União dos Compositores Tchechos.

O "Romancero Gitano" de Frederico Garcia Lorca foi dramatizado e posto em cena pelo teatro D 34 de Praga.

O segundo número da nova revista

"Svetová Literatura" A Literatura mundial, que acaba de aparecer em Praga, publicou contos e artigos dos seguintes autores mundiais: Nazim Hikmet, Kazimierz Brandys, Polonia, Ernest Hemingway, Pierre Ronsard, Leon Kruczkowski, Polonia, Christo Botev, Bulgária, Ray Bradbury, Adam Wazyk, Romain Rolland, Thomas Mann, Henri Lefebvre. No próximo número parecerão obras, p. ex., de William Faulkner, Nicolás Guillén e Doméncio Rea.

Para os últimos meses do ano de 1956 se prepara em Praga um Festival das fitas brasileiras.

O conhecido escritor argentino Raul Larra, que acaba de visitar Praga, escreveu para "Literarni noviny", A Gzeta Literária, um artigo sobre a literatura argentina contemporânea. Nos últimos números da Gazeta apareceram também novas tradições dos poemas de Rafael Alberti e F. Garcia Lorca.

45.000 espectadores assistiram ao certame que entre diferentes conjuntos folclóricos se celebraram na cidade de Morávia Strážnice. Os certames realizam-se cada ano. Entre as 50 agrupações artísticas que tomaram parte da festa este ano, havia as de Polónia, Inglaterra, Austria e Hungria.

O conhecido explorador tchecho Parizek se prepara para emprender uma nova viagem para os países da América Latina. O trajecto abarcará 32.000 km e durará aproximadamente um ano.

Dr. Zdeněk Hampejs

NOTÍCIAS LITERÁRIAS DO PIAUI

Talvez seja o Estado brasileiro mais pobre em imprensa. Não possui, por pequena que seja, uma editora. Ultimamente, entretanto, apesar de tudo, jovens piaulenses, através de mil esforços, vêm desenvolvendo literário bem acentuado, movimento um desenvolvimento literário bem acentuado. Oxalá que tal movimento prospere.

Acaba de ser editada a novela "AMOR E MORTE" de O. G. REGO DE CARVALHO. "AMOR E MORTE" é, nada mais nada menos, a segunda edição de "ULISSES" a acrescentada de uma parte até então inédita, que é ULISSES também.

Esperemos a opinião do público leitor à cerca desta odisséia moderna.

X X

Encontram-se no prelo "CARACOL NA HISTÓRIA DO PIAUI" e "LITERATURA NORTISTA". O primeiro, de autoria de WILLIAM PALHA DIAS; e o segundo, do jornalista RODRIGUES DOS SANTOS.

MARINHO DE MACEDO diz que em breve lançará a sua primeira obra (romance) intitulada de "MORRO DA MARIANA".

X X

Trabalhos inéditos há muitos. "HÁ TANTAS ESTRÉLAS NO CÉU" de OSVALDO SOARES, (novela); O VENDILHÃO (peça) do professor EDIMAR SANTANA; POETAS PIAUIENSES (compilação com ligeira biografia de cada autor) de RAIMUNDO REIS; JULGAMENTO (peça) de FRANCISCO BENTO; e muitos outros.

do Correspondente

PRIMEIRO FESTIVAL DE POESIA

PROCLAMAÇÃO

CONSIDERANDO

a necessidade de se levantar o mapa da poesia brasileira, que mostre os rumos poéticos, o comum e o diferente, bem como de colher em sua fonte original os elementos adequados para essa elaboração;

CONSIDERANDO

que o povo tem direito à poesia;

CONSIDERANDO

ser indispensável a mais ampla divulgação do trabalho poético do Brasil contemporâneo;

CONSIDERANDO

que esse trabalho representa uma contribuição importante no atual momento da literatura brasileira;

CONSIDERANDO

que a responsabilidade dos poetas necessita ser exercitada num clima de absoluta liberdade intelectual;

CONSIDERANDO

que esse exercício é condição de interesse geral e permanente para, de salutar análise crítica, atingir-se uma compreensão mais ampla do fenômeno literário, o GRUPO QUEIXOTE DE PORTO ALEGRE resolve, ao completar o seu 10º aniversário, convidar os poetas do Brasil e da América para o 1º Festival Brasileiro de Poesia, a realizar-se na cidade de Porto Alegre, em maio de 1958.

A COMISSÃO ORGANIZADORA: Sílvio Duncan, Heitor Saldanha, Vicente Moiterno, Pedro Geraldo, Walmor Marcelino, Manoel Walter, Fernando Castro, Luiz Carlos Maciel, Wilson Chagas, Jorge Cezar Moreira, Raymundo Faoro, Joaquim Azevedo.

Porto Alegre, maio de 1957.

INSATISFAÇÃO — FONTE DO PROGRESSO

"O homem é um eterno insatisfeito". Embora acalana, repisada, verdadeiro chavão, a frase não deixa de ser verdadeira: "o homem é um eterno insatisfeito". Mal e mal avança no caminho de uma descoberta — e já está pensando no que poderá existir mais além. Convenhamos que sem este espírito de busca, de pesquisa, ainda estaríamos lá na preistória. Ainda caminharíamos ou não caminharíamos, quem sabe lá? — nos arrastando penosamente e entre quantas e quantas dificuldades.

Mas o homem, eterno visionário e eterno insatisfeito, vai sempre em busca de algo mais alto — e nesta busca continuará vida em fora. Porque, no dia em que terminar esta busca, no dia em que o homem se sentir feliz, satisfeito, coitado dêle! Terá encontrado o seu fim.

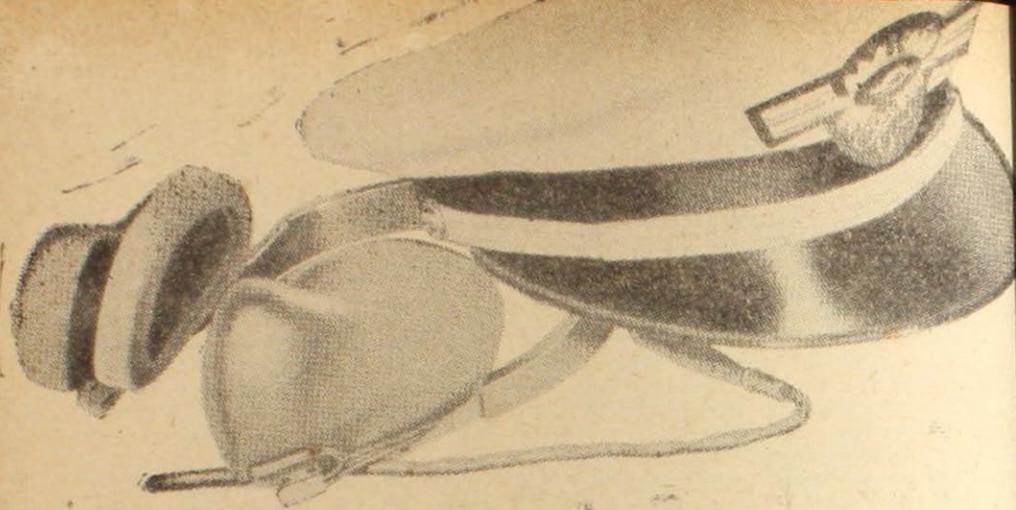
A imaginação vem sempre antes. Só depois, lentamente, tateando, é que vem a ciência, com a sua precisão, para confirmar ou negar o que a imaginação criou.

Caso curioso foi o acontecido com este que foi um dos maiores visionários dos nossos tempos; Júlio Verne. Pouco antes de Santos Dumont fazer a sua famosa experiência com o mais pesado que o ar, Júlio Verne, já bem velho, informado a respeito, sorriu-se e declarou: "— sim, sim, tudo isto é muito bonito, mas só para a imaginação de Júlio Verne". Nem ele mesmo acreditava na verdade que a sua imaginação havia criado!

Nestes poucos anos, que evolução fantástica a da aviação! Vendo-se agora o aparelho de Santos Dumont, como ele nos parece antiquado, super-velho, pre-histórico. E sua velocidade, então, que é ela diante do que já estamos vendo hoje, diante do que iremos ver, certamente, dentro de pouco tempo mais! É incalculável o que se poderá conseguir neste campo da aviação. As distâncias não mais existem, o tempo é uma fórmula ultrapassada. Precisamos, urgentemente, pensar em algo de novo, de novo e revolucionário, que venha acompanhar e estar de acordo com a nossa época. Uma terminologia toda especial vem surgindo, de começo exótica, estranha aos nossos ouvidos de séres que não acompanham com a devida rapidez a mutação do mundo em que vivemos. Há uns poucos de anos atrás uma viagem, já não dizemos para o exterior, nem mesmo daqui ao Rio de Janeiro, mas mesmo dentro do Estado, era uma aventura, estudada, preparada, calculada detalhe por detalhe, com despedidas, com o tradicional choro das famílias com as também tradicionais encomendas de parentes e amigos, com recomendações. O regresso era nunca acabar de histórias, novelas que se prolongavam por dias e dias, onde o herói la relatando pavorosamente, e provocando "suspence" nos ouvintes, as aventuras ocorridas durante a viagem.

Hoje tudo é tão mais banal e corriqueiro! Resolve-se ao meio dia de um domingo, vai-se rapidamente à casa, avisa-se a família, prepara-se a mala, toma-se um automóvel, vai-se ao campo. Antes do anoitecer já se está no Rio. E às vezes ainda a gente se dando ao desprante de reclamar contra uma qualquer possível demora, um atraso. "Ora, não é que atrasou, perdi meia hora!" Com uma capacidade camaleônica de adaptação, o homem logo se esquece do ontem, e passa logo a pensar no amanhã.

Vamos começar, então, de ontem. Florianópolis contentava-se com os seus modestos hidro-aviõeszinhos, onde as pessoas de posse metiam inveja nas outras, fazendo as suas viagenszinhas para "fora". Depois os aviões foram melhorando, foi aumentando o número de companhias, foi surgindo a natural concorrência, cada qual querendo não só atender melhor — o que é natural num regimen de concorrência — como também melhorar os seus serviços e, o que é mais importante, chegar mais ligeiro, "ganhar tempo".

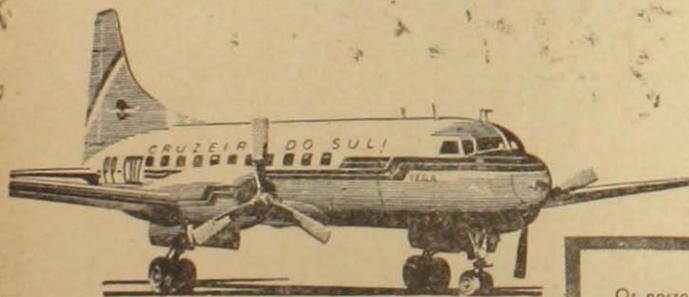


“Eu faço uma boa viagem”...

Para o comandante de uma aeronave, *Uma boa viagem*, significa:

A certeza de que seus passageiros chegaram bem e satisfeitos com o decurso da viagem; que a sua tripulação cumpriu satisfatoriamente com o seu dever; que o voo transcorreu tranquilamente e

a sua missão foi cumprida como decorrência das constantes e cuidadosas revisões feitas, por centenas de técnicos, nas máquinas que rasgam os céus do *Brasil inteiro* diariamente. Por essas razões, os comandantes dos confortáveis aviões da Cruzeiro do Sul, fazem sempre “*Uma boa viagem...*”



Os nossos novos horários de voo foram estabelecidos de acordo com as interesses dos Srs. passageiros, resultando em maior comodidade e aproveitamento de tempo.

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel: 42-6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels. 32-7000 e 42-6060 R. 206

Surgiu um, primeiro:

Lá foram chegando aviões mais rápidos. "Tantas horas daqui ao Rio!" Logo surgiu outro: "Tantos minutos menos de tantas horas daqui ao Rio!" Mais outro: "Mais tantos minutos menos de tantas horas daqui ao Rio!" E outro e outro.

Há pouco tempo foram inaugurados os "convairs". Viagens ao Rio, com maior rapidez e com uma única escala em São Paulo. E a verdade é que uma viagem de "Convair", para um pobre coitado, é um mal. Um mal, porque vicia. Um mal, porque quem viajou uma vez de "Convair", fica a achar os outros aviões umas tartarugas que nunca saem do lugar. Um mal, porque nós temos o mau vêsio de nos acostumarmos logo ao conforto. E um mal, porque ficamos pensando nos "a jato" que deverão ser mais velôzes.

Entre-se num "Convair". Logo adquirimos uma nova terminolôgia: "cabine pressurizada", "piloto automático", "480 quilômetros por hora", "2 comandantes, 2 comissários", 1 rádio navegador, alto falante que nos vai dando as indicações necessárias como sejam altitude, localização, etc.", "refeições quentes", "44 passageiros", e outras coisas que não importa contar. Melhor é a descoberta que se faz numa primeira viagem.

A "Transportes Aéreos Cruzeiro do Sul S/A" mantém uma destas linhas, aos domingos, de Florianópolis para o Rio de Janeiro. Tivemos, há pouco, oportunidade de fazer uma destas viagens. A atenção, a confiança, a precisão com que tudo é realizado, fazem desejar que a viagem se prolongue. Então, quando ao se sair do avião, no Rio, se entra naquele trânsito, naquela confusão, naquele calor, depois de se ter saído do avião onde a temperatura era estável, dá vontade de voltar correndo e transferir residência para bordo.

Nesta viagem tivemos ocasião de palestrar com um dos diretores da Cruzeiro do Sul, o sr. Otto Brahier. Culto, entendendo como poucos do seu negócio, enfiado intelramente no seu "métier", puxando por êle tivemos oportunidade de saber, por detalhes, de vários aspectos ligados ao transporte aeronáutico. Uma das preocupações maiores, atualmente, é a de saber como resolver o problema do transporte do passageiro do local onde reside até o aeroporto. Tomemos, como exemplo, Florianópolis. Já hoje, no caso de uma viagem num "Convair", de Florianópolis a Curitiba, a pessoa leva mais tempo no trajeto de Florianópolis ao aeroporto e depois do aeroporto de Curitiba ao centro da Capital do Paraná, do que no trajeto aéreo. Dentro em pouco, com aviões mais rápidos, êste mesmo problema se repetirá, sempre em proporção maior, com referência a outros centros. São problemas como êstes, insignificantes em aparência, mas que em conjunto crescem, os que vêm preocupando os donos dos ares.

E chegamos então a um novo aspecto do problema. Ou melhor, a um primeiro aspecto. Lá estamos nós outra vez lidando com o homem, com a maneira de resolver mais esta insatisfação do homem. E é esta insatisfação, fonte do progresso, que fará com que o homem vá sempre adiante na sua conquista do futuro. O homem é um eterno insatisfeito. Tem razão o Conselheiro Acácio com o seu lugar comum.

E a "Cruzeiro do Sul" vem ajudando a satisfazer essa insatisfação. Vem contribuindo para uma maior aproximação entre os povos, um melhor conhecimento do Brasil pelos brasileiros. Vem realizando uma tarefa digna de aplausos e que merece apôio, pois vem trabalhando pelo progresso do país e pela divulgação e melhor conhecimento de nossas coisas.

S. M.

— 1 —

BOLA DE NEVE

Quando, há pouco mais de um quinquênio, Aderbal Ramos da Silva e José Bento Ribeiro Dantas a tomaram nas mãos era um punhadinho de neve, a que eles deram forma esférica. Meteram Ferreira Lima e Fluzza Lima na parada. Convencidos, — quem sabe? — de que as negativas, as incompreensões e as ciúmdas derreteriam esse montinho alvinhente.

Mas a dupla foi rolando a bola pelo campo da competição, no mercado da oferta do frete aéreo.

Pontualidade, — perfeita pontualidade, — rigôr absoluto nos processos técnicos de produção; especialização, quanto possível, do pessoal.

E a bola de neve ia crescendo... e, por um processo todo singular e mesmo inexplicável, resistia, avolumando-se às canículas das horas difíceis e as soalheiras tremendas daqueles que desacreditam da capacidade criadora e da força de resistência — desse verdadeiro titã, — o homem litorâneo de Santa Catarina.

Esse milagre surpreendente atende por uma sigla: — TAC.

Ela aí está, próspera, perfeita nos seus métodos, vivendo do seu trabalho.

Em 1951, o Legislativo estadual, sabendo que, — contrariamente ao que se observa em todo o país, a TAC não recebia favor ou subvenção dos poderes da União, Estado ou Município, votou a lei autorizativa de uma cooperação financeira em parcellas.

Até hoje, entretanto, nada se cumpriu.

Os homens da TAC jámais galgaram as escadas do Palácio, para, de pires à mão, pleitearem a execução da atitude legislativa.

A verdade é que, quando o meu eminente, velho e querido amigo Governador Jorge Lacerda, — belo tipo de cultura e de ação construtiva, apontar a cooperação estatal ao estímulo das iniciativas privadas, não poderá fazê-lo.

E não poderá fazê-lo, porque há um vácuo até — aqui julgado intransponível: — a TAC.

Não existe iniciativa privada que crescesse tanto, em pouco mais de cinco anos, quanto a companhia catarinense de aviação.

Compulse estatísticas.

Governador, veja como a bola de neve, em quem ninguém acreditava muito, está crescendo nos domínios da nossa economia.

Veja, no campo de território privado, o que esses capitais exprimem...

— 2 —

ALEGRIA DE POBRE NÃO DURA TÃO POUCO ASSIM

Eu chegava do Rio justamente naquela tarde fria de agosto. Uma lestad tremenda fazia misérias pelas ruas da cidade.

A figueira da Praça entregará os pontos, arriando os galhos, irritada com tanta água e tanto vento.

De dentro de um automóvel saem dois olhos azuis e uma voz amiga fala assim:

— Entre e venha tomar um drink lá em casa. Precisamos conversar muito.
Era Luiz Fluzza Lima.

Conduziu-me áquele lar acolhedor e amável da rua Rafael Bandeira. Serviu Whisky honesto, que paga sêlo, que passa pela Alfandega e que tem de venda.

Porque andam uns Whiskies sóltos por esta cidade, inclusive pelas suas bôtes e centros elegantes, que dão dor de cabeça até nessa barbaridade inqualificável que o meu amigo Armando Simone Pereira mandou plantar defronte ao Palácio, e azia em caixinha de bicarbonato...

Lulz queria me expôr um assunto que êle havia craneado.

Ele, sózinho sem mais ninguém, sem revistas americanas.

Era o Plano de Férias TAC.

Enquanto falava torrencialmente, riscando organogramas, aquele olhar profundamente inteligente e bom se fixava nas minhas reações fisionômicas.

Confesso: — descri, de comêço.

Eu sempre ouvira dizer que férias são luxo de gente rica.

Pobre transforma aquillo em dinheiro, quando pôde.

Classe média, no Brasil, possui a vocação do sofrimento.

Lulz lançou o seu Plando de Férias, que reputo iniciativa cuja finalidade altamente social supêra qualquer idéia de lucro.

Eu o examinei, há pouco, e detidamente, com o Magnífico Reitor e com o Diretor da Faculdade de Direito do Paraná, não no que possa representar para a economia da companhia, mas no que exprime como recuperação econômica do pequeno trabalhador, do funcionário, dos barnabês de luxo deste país, que somos nós, professores universitários; de magistrados, cujos vencimentos, ainda que majorados, ficam muito abaixo da linha-de-flutuação inflacionista.

Empreguel um rapaz modesto, amigo de meu filho, como corretor do Plano.

Em 48 horas, em Florianópolis, colocou mais de cem contos de contratos.

É ou não é uma atitude vitoriosa, essa, que jámais poderá ser detida ?

— 3 —

AS PREOCUPAÇÕES DO PRESIDENTE

Abri a porta e o Presidente, muito preocupado, falava ao telefone.

Era com Curitiba, pelo que ouvi rapidamente.

Não entrei, pretendendo voltar mais tarde.

Já estava no elevador, quando a secretária vem ao meu encontro.

O Presidente desejava me falar.

Que eu entrasse para o escritório, pois estava terminando uma comunicação com Curitiba.

Não se trata de JK, nem do Governador Lupion.

Era outro Presidente, — o Presidente da TAC, o ilustre Professor Ferreira Lima que, em uma verdadeira angústia, se comunicava com o agente da capital paranaense, para que êle descongestionasse a carga, mandando-a imediatamente por caminhões para ser embarcada em Joinville e Paranaguá.

Para que êsses serviços revistam da pontualidade e perfeição que oferecem, no mercado do frête aéreo, a direção da TAC vive horas verdadeiramente dramáticas.

A companhia cresceu muito, estimulando as nossas fontes de produção.

Não há vôo em que a TAC não exgote a capacidade dos aviões.

Em Joinville, em dias do mês passado, fui ao aeroporto com o agente.

Ele está exultando, porque, em dois vôos, descongestionara tudo quanto se acumulára, em 24 horas na agência, aproveitada no seu espaço útil até ao tétó, e na estação de passageiros, oferecendo o mesmo espetáculo.

Quando regressámos à cidade, a agência estava repleta de carga novamente.

Todo o dia é assim, — explicou-me aquêle rapaz, no seu leve sotaque do vale do Itajaí.

— 71 —

Ferreira Lima tomou, com a sua força de decisão, as providências cabíveis. Não ficou um milígrama sem embarque. Ao deixar o telefone, estava visivelmente exausto. ATAC, na sua expansão, é um drama diário — que pouca gente conhece, fóra dos seus órgãos de direção.

A sua escola, no oferecimento de alto padrão ao público, é a escola da Cruzeiro do Sul, cujo crescimento já superou os céus do Brasil.

Iniciativas assim se revestem, sem dúvida, de um sentido econômico, contra o qual os poderes públicos cometeriam verdadeiro-crime, se deixassem que a burocracia nacional o envolvesse no taquaral cerrado de suas procrastinações.

FLORIANÓPOLIS, UMA MENINA MOÇA

Precisamente 7,15 horas. Manhã enevoada; pouco propícia para viagens celestes. O bimotor da Transportes Aéreos Catarinense levanta vôo do aeroporto "Santos Dumont", rumo ao sul do país (Porto Alegre). Sobrevoa a soberba Guanabara. Toma altura e vai embora.

A primeira escala é Santos, secundada por Paranaguá, depois Curitiba, Joinville, Itajaí e Florianópolis. Aqui ficamos, pois tínhamos este endereço.

O primeiro contato com a capital "barriga-verde" não é lá muito animador; depois, todavia, e isso não tarda a suceder, muda por completo.

Florianópolis não é nenhuma supercidade, nenhum centro ultrapopulacionista! Não; não é, mas lamentavelmente o será em breve tempo. O progresso é vertiginoso. A ordem do dia nesta próspera ilha é trabalho; mas muito trabalho mesmo!

Lamentamos, note bem o amigo leitor, não pelo progresso cidadão, pois é do que o Brasil mais precisa, mas porque vai perdendo aquele ar ameno, diferente e pacato, tão característico do ilhéu.

Florianópolis é hoje uma menina-moça, admiravelmente linda e querida — capaz de demover o coração mais insensível — amanhã será uma moça bela e formosa e depois...

O carioca ou paulista que queira passar uns dias de sossêgo e bem-estar não procure outra estância.

E aquele sequioso ainda de, sobre passar umas férias agradáveis, praticar algum desporto de sua preferência, aqui o poderá fazer a contento, notadamente no setor aquático. Em se tratando de regatas, por exemplo, todos temos presente o glorioso feito praticado pela seleção catarinense no ano de 1954, em Guaiaquil, Chile, trazendo para o Brasil o grande título de "Campeões Sulamericanos de Remo". Há na cidade tradicionais clubes como: o Doze de Agosto, dos mais antigos do país e o mais antigo de Santa Catarina, o Lira Tennis Clube, o Clube de Regatas Aldo Luz, etc.

Pretendemos, após um reconhecimento adequado da "urb" e arredores, formular nossas impressões aos amáveis leitores destes jornal, sobre a Ilha de Santa Catarina. Até breve, pois!

L. MIGLIOLI

(Serviço de Imprensa de Dept.
Relações Públicas da T. A. C.)

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Livros:

Romance:

AOITE — Armindo Pereira — Edições O Cruzeiro

AMOR E MORTE — O. G. Régo de Carvalho — Contos — Edição do Caderno de letras "Meridiano" — Teresina — Plaut.

VOVÓ DO PITO, contos de Luiz Franceschini e O QUE FOI PELO SERTÃO (Contos Golanos) de Wáldomiro Bariani Ortêncio — Editora de autores novos. Rua Santo Amaro, 604 — sala 2 — S. Paulo.

A FORÇA AÉREA NO TEATRO EUROPEU — de Ayrton Salgueiro de Freitas — Tenente Coronel — Biblioteca do Exército Editora.

DOUTRINA MILITAR SOVIÉTICA — Raymond L. Garthof — Trad. do Cel. Paulo Enéas F. da Silva — Biblioteca do Exército — Editora.

Realejo de Minas — Poemas sobre a descoberta de São Francisco de Paula de Ouro Fino, das Minas Gerais; ilustrações de E. Koetz e Ciro Del Negro. Ruy Apocalypse.

ILHA SONAMBULA — de Pierre Santos — Poemas — Edições Complemento — Belo Horizonte.

ELEGIA DO TEMPO PERDIDO — Eloy Silveira Reis — Poesia — Edições Complemento.

Poemas — DIAS DA CRUZ — Edições Igrejinha — Curitiba.

CANUDOS SUBMERSO: de José Augusto Garcez — Edições Movimento Cultural de Sergipe.

A GÊNESE DO AZUL — Sonetos de Bernardo Coêlho de Almeida — Rua Jansen Müller, 350 — Maranhão

RECANTOS FARENSES — A. Vicente Campinas — Livrarias Campinas — Faro Portugal — Poesia e Prosa.

JULGAMENTO SUMÁRIO (Poemas) Francisco Alves da Costa — 2a. edição — Coleção, Medusa — Lisboa.

RUA LONGA — Elviro Rocha Gomes — Edições do autor — Poems — Faro — Portugal.

DEIXASTE CAIR UMA ROSA — (Poemas) — Elviro Rocha Gomes — Edição do autor — Faro Portugal.

ANANTO — Poemas de Andejo & do Efêmero Trânsito — de Hermani de Lencastre — Tipografia de "O Algarve" — Faro Portugal.

FLÓR SÊCA — Contos de Vasco Branco — Litoral Editora — Ilustrações de João Martins — Faro — Portuga].

CARUSMA — prosa de Victor Caruso — Indústria Gráfica Siqueira — São Paulo.

TRIDENTE DO DIABO (Sátiras e epigramas) Victor Caruso — Editora Cupolo Ltda — R. Seminário, 187 — São Paulo.

Revistas:

ESTUDOS — Ano XVI nº 2 Fasc. 60 — Revista de Filosofia e Cultura da Ass. de Prof. Católicos do R. G. S.

COMPLEMENTO — Nº 1 — Redação — Rua Esmaltina, 171 — Belo Horizonte — Diretor — Theotônio Júnior — Sílviano Santiago.

RENACIMENTO — Órgão Oficial do Instituto dos Diretores da Criança — Orientação de Ramos Peñeco — Ano 3 nº 11.

LETRAS — Ano IX nº 1 Direção O. Salles de Lima — São Paulo.

PAMPA — Boletim do Club de Excursões Farroupilha — Dir. Lourdes Sulzbach — Porto Alegre — R. G. S.

BANDO — Ano VII nº 8 — Nata] — Rio Grande do Norte — Dir. Raimundo Nonato e Hélio Galvão.

CADERNO DO EXTREMO SUL — A música que me ficou — Enio Guimarães Campos — Alegrete — Rio G. do Sul.

RENASCIMENTO — Capa Xilogravura de Glauco Rodrigues — Ano 3 nº 10.

INTUS — Revista de poesia e crítica hispano-brasileira — nos. 14 e 15 de São Paulo.

HORIZONTES 22 — Ano II n. 6 poesias — Diretor Genaro de Vasconcelos — Av. Alberto Torres, 161 Campos — Estado do Rio.

UNION SOVIÉTICA — nº 11 (81) — Novembro de 1956 — Revista mensal ilustrada.

BANDO: — Ano VII n. 8 — Natal — Rio Grande do Norte — Dir. Raimundo Nonato e Hélio Galvão.

CADERNOS DO EXTREMO SUL — Música que me ficou — Enio Guimarães Campos — Alegrete — Rio G. do Sul.

Renascimento: Capa Xilogravura de Glauco Rodrigues — Ano 3 n. 10 INTUS — Revista de poesia Y crítica hispano-brasileira — nos. 14 e 15 de São Paulo.

Horizontes 22 — ano II n. 6 poesias. — Diretor Genaro de Vasconcelos Av. Alberto

Torres, 161 Campos. Estado do Rio.

UNION SOVIETICA — n. 11 (81) Novembro de 1956 — Revista mensal ilustrada.

BOLETIM: Órgão Informativo da biblioteca do Exército — Ano XVII nos 23 e 24.

TRAPECIO: — Cumarisotismo (poemas) Biblioteca de autores Portorriquenhos — San Juan de Puerto Rico. — 1955 — Julio Soto Ramos.

ELO — Ano VII — nos. 66 e 67 — Outubro — Novembro e Dezembro de 1956 Lourenço Marques — Moçambique.

TEMPOS NUEVOS: Revista semanal — nos. 43 e 45 de 1956

CUADERNOS — Revista bimestral — Maio e junho de 1956 — Do Congresso pela liberdade da cultura.

BOLETIM DE MÚSICA E ARTES VISUAIS — Organização dos Estados Americanos. Nos. 71, 72 e 73.

VERTICE: — Revista de cultura e arte — Vol. XVI — abril de 1956 NO. 151 Lisboa — Portugal.

ATUALIDADES: outubro de 1956 — Lourenço Marques — Moçambique.

REVISTA D'AQUÉM E D'ALÉM MAR — Ano VII nos. 75-76-77. Rua Pereira e

Souza, 61-2º-esq. — LISBOA.

POLONIA — Ano X nos. 12 (72) — 7 (67) 11 — Boletim Mensal do Bureau de informações polonesas.

TCHecosLOVÁQUIA: — Revista editada pela legação da República Tchecoslovaca. — nos. 9-10-11 de 1956 e no. 1 de 1957.

REVUE DE LA POLITIQUE INTERNATIONALE — Ano VII nos. 155-159-160-161 Belgrado.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — No 6 Vol IV Novembro e Dezembro de 1956.

A PLANICIE — Quinzenário cultural e regionalista-Diretor e editor:

Miguel Serrano — Rua do Poço n. 3-A Ano V — nos. 100 e 105.

RIBAMAR — Semanário — Prop. João Vicente de Oliveira Charrua — Lisboa

BILL — Bibliografia e informações para leitores. Ano I Nos. 2, 3, 4, 5.

NOSSOS LIVROS — Boletim Bibliográfico da Agir. Ano I n. 2.

VISVA — Ano I N. 4 — Ptas. 5 — Revista mensal Diretora: Elena Alcubilla Portell — Madrid — Espanha.

ALNE — Ano III nos. 13 e 14 Redação: Reys Magos, 9 — Madrid

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E CONTABILIDADE

Nilton José Cherem

e

Armando Sylvio Carreirão

(Advogados)

R. Jerônimo Coelho, 4 — 1º. andar — sala 6 — Florianópolis

Drs. J. B. Bonnassis e Fúlvio Luis Vieira

(Advogados)

Rua Deodoro, 11 — Florianópolis

Antônio de F. Moura — Gercy Cardoso

Heitor F. de Livramento Steiner

(Advogados)

Rua Felipe Schmidt, 42-A — 1º. andar — Florianópolis

DR. CALISTRATO CUNHA

(Advogado)

Especializado em causas trabalhistas

Escritório: R. D. Jaime Câmara, 20

Florianópolis

CLÍNICA DE CRIANÇAS

do

Dr. M. S. Cavalcanti

Residência:
R. Alves de Brito, 44
Fone: 1732

Consultório:
R. Saldanha Marinho, 16
das 3 às 5

Florianópolis

DR. GUERREIRO DA FONSECA

Olhos — Ouvidos — Nariz — Garganta

Especialista efetivo do Hospital

Tratamento e operações — Receita para uso de Óculos
Raio X — Radiografia da Cabeça

Consultório: Rua Visconde de Ouro Preto, 2
(altos da casa Belo Horizonte)

Residência: Rua Felipe Schmidt, 101 — Fone: 1560

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas) no
consultório.

CASA VITOR

Especialista em Calçados para homens, senhoras e Crianças
Gravatas, Camisas, Meias, Cuecas, etc.

Exclusivista dos Afamados Calçados SCATAMACCHIA

Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Lapi sJohann Faber Ltda. Produtos "Ginner". Etc.
Caixa Postal, 84 — Fone 3773

Florianópolis — Santa Catarina

LIVRARIA MODERNA
DE
PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadrinhos — resserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.



EM FLORIANÓPOLIS

LUX HOTEL

UM DOS BONS

HOTÉIS DO BRASIL.

Peça a impressão de

que já o conhece.

RUA FELIPE SCHMIDT, 9.

Teleg. : "LUXOTEL".

LIVRARIA MONTEIRO LOBATO

Agência de Livros y revistas tecnicos y científicos

Andes, 1415 — Teléf. 82255

MONTIVIDEO — R. O. del Uruguay

Representante de la prensa medica Argentina

Mosby Co. — Journal of Laboratory

Oral Surgery — Editorial Arbo

Revista Veterinaria — Revista "Diesel" Etc.

Especializada em livros e publicações brasileiras

"DISCAL"

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE LIVROS

Rua Fernando Machado, 6 — Florianópolis — S. C.

Depositários das seguintes Editoras:

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

LIVRARIA PONGETTI EDITORA

EDIÇÕES LEP S. A.

LIVRO DO MÊS S. A.

ATENA EDITORA

Fornecimentos exclusivamente às Livrarias e

Estabelecimentos de Ensino

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras:

aceita qualquer encomenda de

livros nacionais ou estrangeiros;

atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas instalações, à Praça 15 de Novembro, 27

BAR E RESTAURANTE ESTRÊLA

TOURINHO

e

Sua Cozinha Baiana

Bem no Coração da Cidade

Praça XV de Novembro

Florianópolis — Santa Catarina

DUAS TENDÊNCIAS

O cinema brasileiro tem vivido, até hoje, de duas tendências mais ou menos antagônicas. A dos teóricos (cine-clubistas, críticos, ensaístas, etc) e a dos que fazem do cinema uma profissão, os que fazem seu aprendizado na luta do dia a dia. Se são mais ou menos antagônicas, são também, quase sempre, irreconciliáveis. Os teóricos sabem sempre ver muito bem os defeitos, descobrir pequenas miudezas, nadinhas que para eles, estetas, fazem um mundo. Os não teóricos, por sua vez, enfiados numa luta árdua e ingrata, acabam por olhar com pouco caso para os outros. E assim tem vivido o cinema nacional. Sômente agora se começa a ter uma melhor visão do problema, uma consciência mais nítida da necessidade de um cinema nacional como meio de expressão, um cinema nacional que seja ao mesmo tempo de características artísticas e humanas, sendo também indústria.

Várias tentativas mais ou menos bem sucedidas vem sendo realizadas a partir da vinda de Alberto Cavalcanti e da criação da Vera Cruz. Paralelamente às Produtoras organizadas, produtores independentes tem se aventurado à realização de algumas experiências, como, por exemplo, a Equipe Moacir Fenelon, que realizou RIO, 40 GRÁUS de Nelson Pereira dos Santos.

Uma delas é a do Clube de Cinema de Florianópolis, que congregou um grupo de jovens, levantou capital entre pessoas interessadas e se lançou à empreitada: realização de um longa metragem em Florianópolis.

Entre os componentes da equipe coexistem as duas tendências acima expostas e que estão representadas por E. M. Santos e Alberto Cunha.

O primeiro é o protótipo do teórico. Vindo da fase heróica dos clubes de cinema, E. M. Santos tem se dedicado constantemente ao estudo, à pesquisa. Não se limitando a mero espectador, tem feito experiências com curtas metragens — mas experiências "particulares", que muitas vezes não são mostradas nem mesmo a amigos. O mais são estudos através de livros especializados e através de filmes vistos e revistos em todos os cantos. Com visão clara, nítida, tôda particular, do que seja cinema, E. M. Santos até que redutou antes de ceder e juntar-se ao grupo de Florianópolis para a realização desta película. Era mais um teórico que deixava a sua comodidade, os seus estudos, o seu gabinete, para aventurar-se sabe-se lá a que aventura. Em geral as pessoas de gabinete, os teóricos, são pessoas difíceis de se adaptarem ao nosso mundo banal do dia a dia. Vêm tudo de uma forma um tanto utópica — e a realidade não é nada daquilo que imaginam. No entanto, a nosso ver, sômente um melhor

entrosamento das duas classes (teóricos e práticos) poderá dar uma melhor qualidade aos nossos filmes.

Alberto Cunha vem há oito anos se dedicando praticamente ao cinema. Conforme êle mesmo declara, "vive do cinema". "O cinema é o meu ganha-pão" — diz êle. Alberto Cunha tem também os seus pontos de vista a respeito, sabe, pela prática, do que necessita o nosso cinema. sabe que cinema é acima de tudo organização, sabe que é mais fácil teorizar do que realizar. Tendo já a seu favor diversos filmes realizados, emprestando-lhes o seu serviço nos mais diversos setores, Alberto Cunha abarca nitidamente um outro aspecto do problema. Não que não lhe interesse o cinema como especulação. Certamente que interessa. Mas êle vê o cinema não só como arte, não só como recriação de espírito, não só como fonte de desquisa, êle vê também o cinema como indústria e como uma das mais importantes indústrias de nosso tempo. Não é só indústria por si mesma. É indústria pelo que divulga, pelo que mostra do país onde vêm, pelo que transmite.

Juntando essas duas partes, Armando Carreirão e Nilton Nascimento, respectivamente Produtor e Diretor de "O Preço da Ilusão", o filme que está sendo rodado em Florianópolis, procuraram unir as duas tendências divorciadas e que, uma vez juntas, facilitarão mais a caminhada do cinema brasileiro. Procurando realizar um trabalho de equipe, um trabalho que tem por escopo dar ao Brasil não uma obra prima mas um filme honesto, a equipe também apresenta mais esta característica: unir teóricos e práticos, todos interessados numa mesma tarefa, a da melhoria do nível dos filmes nacionais. E a da ajuda para a criação de uma indústria filmica sólida, em bases estáveis, entre nós.

"SUL" que de alguma maneira tem que ver com a história deste filme, não poderia ficar alheia à iniciativa. E é por isto que convidou justamente E. M. Santos e Alberto Cunha, para o Caderno Sul ESPECIAL dedicado ao cinema, onde os dois, nos dois artigos escritos especialmente para a revista, debatem aspectos do cinema brasileiro. É esta uma contribuição da revista não só ao filme realizado entre nós, mas pensamos, para um esclarecimento mais amplo a respeito do cinema nacional.

Um fragmento do roteiro de "O Preço da Ilusão" além de fichas da Equipe Técnica e do Elenco Artístico bem como algumas das primeiras fotos cenas completam o presente caderno.

S. M.

UM CINEMA NACIONAL

E. M. Santos

— “O senhor é pró ou contra o cinema brasileiro?”

— “Eu? Eu sou inteiramente a favor. Quanto mais filme se fizer melhor. São mais divisas que sobram para a gente utilizar em coisas de que necessitamos”.

— “E o senhor ali?”

— “Bem, eu não entendo dessa questão de divisas, mas acho que o cinema está destruindo nossos hábitos. A nossa mocidade é muito influenciada pelo cinema e nosso costume de macaquear hábitos alheios é antigo e bem conhecido”.

— “E a senhora?”

— “Eu vejo filmes brasileiros, mas só para prestigiar o que é nosso, já que sou contra a maioria dêles. São “abacaxis”, não é assim que se diz? Mas já tenho visto alguns bons. Mesmo quando são ruins não me desagradam de todo, porque é sempre bom a gente ver coisas nossas, que nos dizem respeito...”

Tomos aí três das posições mais comuns que o público assume em relação ao filme brasileiro. Se as perguntas fôsem mudadas e se indagasse, por exemplo, “Por que o sr. assiste ou não assiste a filme brasileiro”? as respostas nos revelariam o mesmo. Portanto, quando alguém diz que é pró ou contra o cinema brasileiro, precisamos ver em que posição êsse alguém está colocado. Quando é contra estará sempre protestando contra a má qualidade dos filmes, má qualidade artística (argumento, direção, etc.) pois a técnica de nossos filmes já é bem aceita e ninguém mais morrerá de amores por um dêles só porque a fotografia, corte, som ou qualquer outro trabalho esteja tecnicamente irrepreensível.

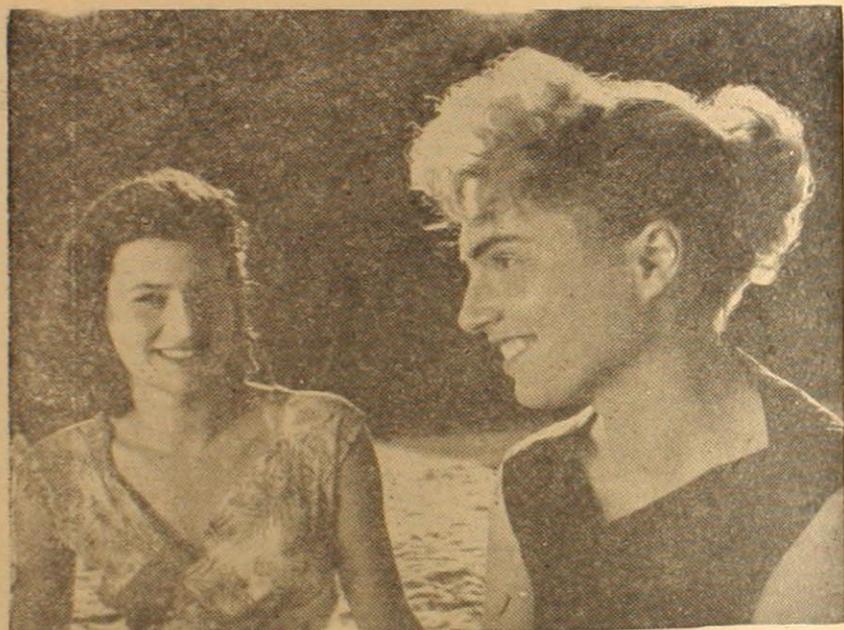
Quando é “a favor” do cinema brasileiro, então é que precisamos ver exatamente o que nosso interlocutor está querendo e que pode ser uma das seguintes coisas: sustar um pouco a evasão de divisas, impedir que o povo brasileiro perca suas características, promover o aparecimento de uma nova arte nacional — o cinema brasileiro.

Essa história de “evitar maior evasão de divisas” é um dos mais novos argumentos inventados a favor do cinema brasileiro (mas seria mesmo a favor do cinema brasileiro?) e nem por isso deixa de ser dos mais usados, principalmente quando alguém ataca a má qualidade dêsse ou daquele filme. Graças às restrições cambiais. Banco do Brasil, Ministros da Fazenda, Cexim & Cia., o assunto “divisas” passou à boca do povo e é usado muito com ou sem propriedade. Para os que produzem filmes de má qualidade foi essa uma tábua de salvação, um argumento último contra os ataques arrasadores da crítica.

Quanto a mim, creio que êsse argumento não vai lá das pernas. É só observar o quanto gasta o Brasil em divisas ao todo e ver a percentagem devida à importação e exibição (o que é mais importante) de filmes estrangeiros no país. Que se modifique a tradição alfandegária e se legisle de modo a impedir que o filme estrangeiro continue a se beneficiar de uma espécie de proteção da qual atualmente se cerca, em flagrante prejuízo para o cinema nacional. Isto sim! Mas, também, é outro assunto. De qualquer forma, a atual evasão de divisas que o filme estrangeiro causa está muito longe de justificar uma eventual produção em massa de “abacaxis”, am-

parados por uma possível lei dois por um (pois a lei do "oito por um" já é tida como superada).

Já o segundo argumento ("impedir que o povo brasileiro perca suas características") merece maior consideração. Entramos aí no terreno das influências do cinema. Pessoa alguma de bom senso poderá negar que o público em geral tende a se identificar com os atores, tende a agir, pensar e "ser" como agem, pensam e "são" os tipos cinematográficos. Graças ao tremendo poder de persuasão do cinema (especialmente sobre a gente jovem) hábitos e costumes alheios à nossa gente vão sendo pouco a pouco implantados. Os ideais de vida vão sendo, como, por exemplo, o de "obter sucesso a qualquer preço", coisa que nossos costumes políticos agravam ainda mais.



LILLIAM BASSANESI E EDY MORAIS, respectivamente Maria da Graça e Margarida no filme "O Preço da Ilusão", que está sendo rodado em Florianópolis

Ora, veneno se cura com veneno. Se isto não é sempre verdade, pelo menos no caso do cinema o seria. Nossa gente possui características tôdas próprias que fazem de nós um povo diferente. O cinema, mais do que qualquer outro agente, vem acelerando o processo de perda dessas características, porque o cinema exibido entre nós é (ao menos oficialmente) em sua grande maioria, numa proporção de oito estrangeiros para um nacional, totalmente alheio aos hábitos e costumes de nossa gente. Pregam como ideal sistemas de vida que não devem ser bons nem para êles, mas que, pelo

menos, certamente não o são para nós. Para contrabalançar essa influência, urge, sem dúvida, produzir e exhibir mais filmes nacionais. O ideal seria que esses "mais filmes nacionais" fossem de bom nível técnico mecânico e tratassem de assuntos nossos o mais brasileira-mente possível. Mas — sob tal ponto de vista — isto não é indispensável, já que, no caso, o pior filme nacional seria preferível aos melhores estrangeiros. Mas acredito que não se queira chegar a tais extremos.

Porque se nos contentarmos com maus filmes nada haveremos de construir no sentido de possibilitar um aparecimento do "cinema brasileiro" com que todos nós sonhamos, uma escola brasileira de cinema que seja brasileira não só nos assuntos mas na maneira de tratá-los cinematograficamente. É preciso que os realizadores não cuidem dos problemas de bilheteria mas visem um alto objetivo e tenham, ao menos, a preocupação de acertar. É preciso que os realizadores sejam inteligentes. Só assim o cinema deixará entre nós essa posição de inferioridade que ocupa, passando a atrair inteligências que ora se mantêm arredias. Mas estamos num círculo vicioso, pois enquanto essas inteligências ficarem de fora pouco se poderá progredir.

Sempre acreditei que os Clubes de Cinema poderiam contribuir muito para a solução desse problema. Nos anos em que militei no Clube de Cinema de Porto Alegre tentei atrair para o campo da produção inúmeros cineclubistas a sonhar "platônicamente" com a possibilidade de vir a "fazer cinema" e com um cinema nacional mais digno. Se se deseja realmente o aparecimento de bons filmes nacionais, por que não fazer mais alguma coisa nesse sentido que notas suspirosas na coluna especializada do jornal? Se os interessados em fazer um bom cinema nacional não entram na luta o campo ficará entregue unicamente aos "picaretas" e "cultivadores de abacaxis". Felizmente, muitos compreendem isso e não será por gosto que alguns realizadores capazes (que também os temos entre nós) se mantêm afastados.

Fazer com que os Clubes de Cinema estimulem, atuem, influenciem de modo mais direto a produção nunca me pareceu coisa utópica e, se lá no Rio Grande do Sul não se foi além do terreno mais restrito dos filmes em curta metragem, aqui, em Florianópolis, já se começa resolutamente no terreno dos filmes em longa metragem. "O PREÇO DA ILUSÃO" é, antes de mais nada, iniciativa dos cineclubistas locais que se casou com a constância de um jovem produtor, Nilton Nascimento, ora radicado em São Paulo. O produtor executivo do filme é nada menos que o Presidente do Clube de Cinema de Florianópolis e os quotistas são, em grande parte, cineclubistas. Estamos ou não estamos diante de algo novo?

É possível que surjam outras iniciativas semelhantes, onde o grupo realizador vise sempre um objetivo elevado: "um cinema brasileiro". Não é de capital importância que acertem sempre, o que é preciso é que desejem sempre acertar. Sem essa disposição é que não se pode ficar. E urge prestigiar os que a tenham (como de resto estamos sempre prestigiados aqui) até mesmo com legislação especial que deixe um pouco de lado essa tal de "evasão de divisas" e cuide de nosso cinema em termos de Cultura e Arte para que o mesmo saia de uma vez dessa posição inferior em que se encontra com relação às outras manifestações de Arte e Cultura e assumo ao lado delas um lugar condigno que já conquistou em outros meios.



A indústria madeireira em Santa Catarina serve de cenário à
dialogação de O PREÇO DA ILUSÃO

O ESTILO QUE SE PROCURA, JAMAIS ENCONTRADO

Alberto Cunha

O cinema brasileiro atravessa a sua hora amarga. Os trinta filmes que faz anualmente não chegam para suprir o seu único mercado. Eles, além do mais, são feitos por independentes em sua maioria, alguns deles por diletantes.

Faltam-nos diretores, simplesmente. Não restam dúvidas quanto a qualidade de nossas películas, de nossos técnicos, de nossos artistas. O público "fan" do cinema nacional já sabe o que é bom, haja visto o "bordereau" dos filmes passados.

Continuando, defendemos um outro ponto de vista. Com excesso de "Areião", todos os filmes brasileiros projetados no estrangeiro foram premiados nos festivais a que concorreram, sem estarem "arrumados" por cambalachos ou despotismo político. "Painél", "Santuário", "Magia Verde" (documentários), "O Cangaceiro", "Sinhá Moça", "O Canto do Mar", todos constituíram sucessos, mesmo aqueles que não concorreram a prêmios, como "A Estrada", "Samba Fantástico", "O Sací", "Sob o Céu da Bahia" e outros. Nunca foram vaiados, nem sequer vítimas de comentários desairosos, mesmo "Sob o Céu da Bahia" que entrou "camuflado" em um dos mais recentes festivais cinematográficos. Mostram ao mundo o que podemos fazer no cenário artístico. Infelizmente, "a galinha do vizinho é sempre mais gorda".

Faltam-nos diretores para obter dos 30 filmes anuais um alto valor técnico e artístico. Poucos são os que prestam seu concurso, a saber: Rodolfo Nanni, Lima Barreto, Carlos Manga, Abílio Pereira de Almeida, Jaime Coimbra, Walter G. Durst, Lufs de Barros, Carlos Burle, Geraldo Vietri, Humberto Mauro, Roberto Vale, Eurides Ramos, Alex Vianny, Walter Khoury, Agostinho P. dos Santos, Nelson Pereira dos Santos, José Pinto Filho, Antônio Hosrri, João Lopes e outros que deixam de serem citados por não estarem dirigindo regularmente nos últimos tempos. Uma percentagem de filme feito por ano sob a direção dos aludidos diretores. Os outros diretores, estrangeiros, não nos interessam, posto que somos da renovação de valores e da existência de cinema brasileiro com gente brasileira... Explica-se. Não conhecem o Brasil, não sentem, têm o "gens" de suas terras no todo, não podem dirigir argumentos brasileiros autênticos. Não criam estilos, não são regionalistas. Todavia, os diretores brasileiros não fizeram obras de envergadura, de vulto, a não ser Lima Barreto, Abílio Pereira de Almeida e Ademar Gonzaga, além de um "novo" dentro da geração que surge: Nelson Pereira dos Santos. Os outros se consagraram a filmes carnavalescos, comédias e draminhas. Não procuraram criar, estudar, progredir.

Muitos dirão que combate o cinema nacional. Ao contrário, êle também é o meu "ganha-pão". Procuo estimulá-lo, sempre que possível. O que não acredito é fazer cinema brasileiro, 100% regionalista, caboclo, sem argumentos verde-amarelos. Muitos dirão: mas o cinema é arte, e a arte não tem pátria. Está certo. Necessitamos do elemento estrangeiro. Contudo, precisamos, ainda mais, o verdadeiro cineasta, que não deixará sua terra onde exerce sua verdadeira arte para se "aventurar" no Brasil, onde o cinema mal começa a dar seus primeiros passos.

Temos bons artistas, que precisam ser burilados, dirigidos, que necessitam estudar. A "máscara", o cabelo ensebado, os bigodinhos afilados, devem desaparecer. Temos bons elementos, uma colônia bem vasta mesmo, inumerável, com Associações e Sindicatos formados, Tipos indispensáveis a feitura de boas películas; cômicos, característicos, ingênuas, "vamps", vilões, heróis, etc.

Cômicos como Pituca, Ankito, Oscarito. Característicos do quilate de Walter D'Avila, Mazzaroppi, Modesto de Souza, Violeta Ferraz, Zezé Macedo e outros. Ingênuas como Célia Helena, Eva Wilma, Terezinha Amayo, Doris Monteiro e outras. "Vamps" como Aurora Duarte, Tônia Carrero, Iracema Vitória, Marly Bueno e tantas. Vilões incarnados por José Lowgoy (atualmente no cinema francês), Carlos Cotrim, Renato Restier, e tantos mais. Heróis um sem número como Anselmo Duarte, Hélio Souto, John Herbert, Jardel Filho, Miro Cerni, Alberto Ruschell e outros, formando uma cidadela cinematográfica.

É sabido ser o clima tropical excelente para a fotografia. Além do clima, temos ótimos cenários naturais, desde o Oiapoque a Lagôa Mirim. Grandes iluminadores como Ruy Santos, Hélio Barroso Neto, Toni Rabatoni, todos brasileiros, contribuindo o máximo e "pintando de luz" o cenário que Deus nos proporcionou.

Existe a indústria cinematográfica no Brasil, pequena em verdade. A literatura é farta. Dialoguistas como José Renato, Raimundo Magalhães, Miroel Silveira, Pedro Bloch, Mário Donato, Hernani Donato, Max Nunes, brasileiríssimos todos eles, fazem a honra da casa.

Precisamos criar um estilo, o que nos falta em demasia. Sabe-se bem que o estilo francês é "verdade nua e crua". Já o italiano é adepto do realismo; o inglês inclina-se para o "virtuosismo"; o americano para o subjetivismo; o suéco para a psicologia simbólica com aplicação da imagem em primeiro plano. Todos eles têm o seu estilo. Porque não criarmos o regionalismo a exemplo da literatura, da escola atual brasileira, enfronhando-nos pelo folclore, fazendo cançoes, sertanejos, caçaras, páus de arara, gaúchos pampetros, bandeirantes, índios, jangadeiros? Todos eles são personalidades para nossos argumentos. Temos que deixar de lado os dramas melosos, que podem ser vividos aqui ou na China, os policiais e "far-westerns" cheirando a cachaça e fala caipóra, sem pé nem cabeça como "Éramos Irmãos" e "Da Terra Nasce o Ódio" e, o último, "Paixão de Bruto". Podemos, outrossim, continuar com os "carnavalescos" que têm sido os únicos filmes "nacionais", com a eterna Angela Maria, o indefectível Ivon Cury — que mostram, esclarecemos, uma expressão, uma inclinação, uma vontade do povo, na ânsia de música, de movimento, de piada cobrindo as mágoas que o cinto apertado da inflação e ideologia política manda no momento.

O cinema brasileiro existe. Nossos diretores precisam criar, isto sim, personalidade, estilo sobretudo e estudar sempre. Só então movimentaremos bons artistas, que podem ser conformados em escola ou encontrados na rua, bons técnicos que até agora têm sido a expressão máxima da nossa cinematografia, isto comprovado há tempos, bons estúdios como os da Vera Cruz (Brasil Filmes), Maristela, Multifilmes (abandonado), Brasil Vita Filmes, Cinécia, Flama, Rossi Filmes e outros menos equipados. Nossos defeitos são poucos. A falta de sincronismo é mal comum em toda parte do mundo. Se cada espectador brasileiro entendesse inglês, francês, italiano ou castelhano, e não lesse a legenda embaixo do quadro da tela, para assim

não dividirem os olhares, notaríamos que o americano, o francês, o italiano e o mexicano, para não citar menores produtores, também fazem filmes sem sincronismo, com mil e um defeitos, com claque-tes, bandeiras, refletôres e outros objetos técnicos dentro da cena, despercebidos para o leigo ou áquele que é o brigado a lêr a legenda, sem ter tempo para ver "intotum" a imagem.

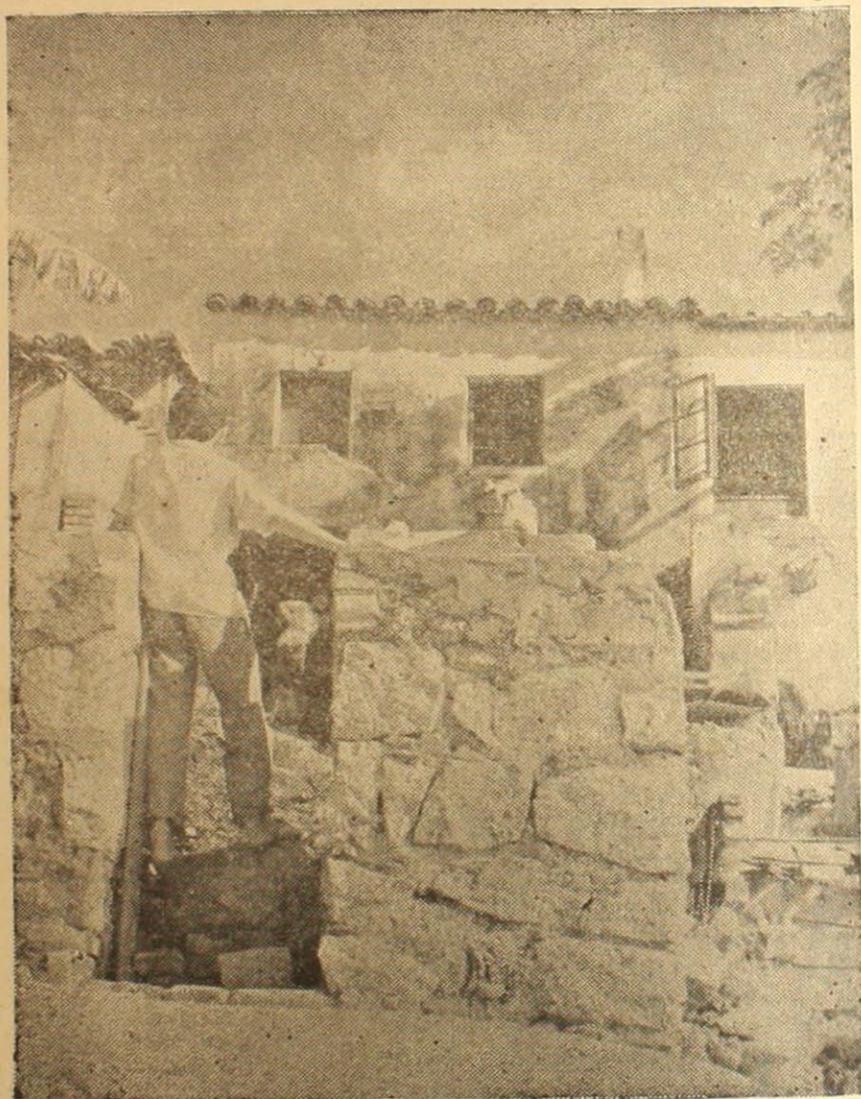
Foi com essa mentalidade, sabendo de tudo isso, que uma produtora paulista se jogou na Ilha de Santa Catarina e começou a fazer uma película. Sabendo de tôda a verdade é que procurou um argumento original, típico, retrato de um povo. — Faz-se "O Preço da Ilusão" em Florianópolis, mostrando o menino lépido gritando nomes de jornais nas ruas estreitas, pregões gostosos nas esquinas,

denúncia do timbre agudo das pequenim

ze uma cinta com fundo e paisagem catarinense mostrando as rendeiras, os bilros, os "tróleis", a venda de amendoim e pinhão no quente das praias sinuosas da Ilha. "O Preço da Ilusão" respira através dos "bois de mamão", dos carros alegóricos na praças encopadas do verde das figueiras, do cantar característico da fala barriga-verde.

Quem vive, anda, fala e gesticula é catarinense em "O Preço da Ilusão". A história de fundo identifica personagens que podem ser encontrados as centenas em Canasvieiras ou Saco dos Limões... A graciosidade feminina, os olhos verdes, os cabelos alourados das filhas de Anita Garibaldi, movimentam-se como um formigueiro no sol quente da Praça XV ou na Agronômica...

Façamos votos para que êsse filme percorra o rincão brasileiro e seja portador da mensagem que procuramos mostrar nessa crônica, não só aqui em nossa terra, mas em todo o mundo!



A influência colonial nas construções antigas que ainda existem em algumas zonas de Florianópolis emoldura a história de fundo da película "O PREÇO DA ILUSÃO"

“EQUIPE CINEMATOGRAFICA ALBERTO CAVALCANTI”

FICHA TÉCNICA:

Produção: Armando S. Carreirão
Diretor de Produção: José Vedovato
Direção: Nilton Nascimento
Assistente de Direção: Domingos de Gusmão Santos
Direção Artística: E. M. Santos
Diretor de Fotografia e Câmera: Eliseu Fernandes
Assistente de Câmera: José Matos e C. Paulo Dutra
Eletricistas: Osmar Silva e Mário Morais
Maquinistas: Carlos Vieira e Catulo Morais
Assistentes de Produção: Eny Souza e J. Jorge
Maquiagem: Alberto Cunha
Continuidade: Líia Nascimento

Título do filme: “O PREÇO DA ILUSÃO”
Argumento de Eglê Malheiros e Salim Miguel
Diálogos de Salim Miguel
Roteiro de E. M. Santos
Canções (sobre temas folclóricos) de Osvaldo F. Melo (filho)
(Local de filmagem: Florianópolis. Época atual)

FICHA ARTÍSTICA (Elêncio):

Lilium Bassanesi	como	Maria da Graça
Emanuel Miranda	“	Maninho da Silva
Celso Borges	“	Dr. João Castro
José Vedovato	“	Assis
Ilmar Carvalho	“	Edmundo Souza
Adécio da Costa	“	Paulo
Sinova Wanderley	“	Lúcia
Murilo Martins	“	Roberto
Sileide Costa	“	Celeste
José Mauro	“	Ferreira
Miro Morais	“	Miro
Felix Kleis	“	Cel. Flores
Lourdes Silva	“	Dona Olga
Mário Morais	“	Mário
Claudionor Lisboa	“	Sr. Auto



LILIAM BASSANESI E MIRO MORAIS, respectivamente Maria da Graça e Miro, no filme "O Preço da Ilusão", que está sendo rodado em Florianópolis pela Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti, de São Paulo

“O PREÇO DA ILUSÃO” (Fragmento do roteiro).

Tomada 517 — PP Interior noite — Normal — Casa de Maninho.

Detalhe da escada ao fundo. Maninho (surgingo no campo pela direita baixa) acorda sobressaltado. (Gemidos da mãe. Vozes abafadas das comadres).

Tomada 518 — PMC — Int. noite — Alta — Casa de Maninho.

Maninho se arruma, tonto, olhando assustado para o lado do quarto da mãe, de onde vem réstea de luz que ilumina parcamente o recanto. (Sons da tomada 517)

Tomada 519 — PP — Int. noite — Alta — Casa de Maninho. Maninho (meio enquadrado) apanha o dinheiro escondido sob o tijolo. (Prosseguem sons da tomada 517)

Tomada 520 — PMC a MPP — Exterior noite — Móvel c/ avanço — Casa de Maninho.

Porta exterior. Uma luz se acende. (Ruido de banco que foi deslocado).

Voz da comadre: “Que é isso, menino?”

“Eu vou comprar o remédio! Eu vou comprar o remédio!”

(Ruido de chave na fechadura, interrompido por som forte de pulso firme fechando a porta que mal se entreabrirá)

Voz da comadre: “Deixa disso, menino! Se fôr preciso o compadre vai. Atravessar a ponte numa noite dessas...”

CESSA AVANÇO DA CÂMERA. Porta se entreabre de repente deixando passar vulto de Maninho em disparada, abandonando rapidamente o campo.

Voz da comadre: “Compadre! Compadre!”

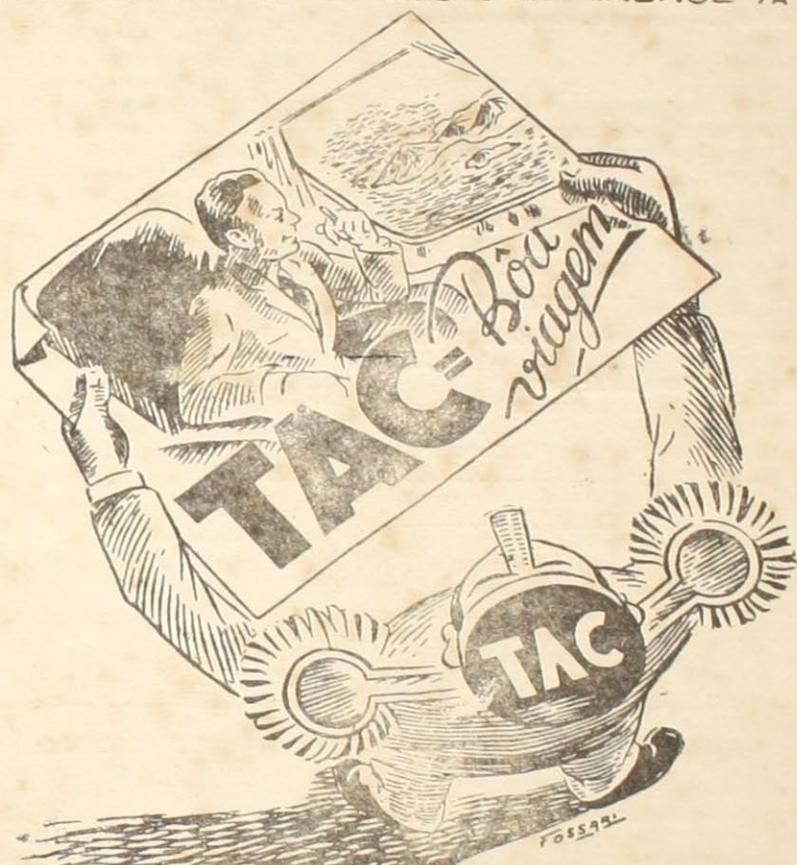
Tomada 521 — PC — Ext. noite — Baixa — Pequeno quintal da casa e muro.

Maninho cruza o campo em disparada, fazendo pequena parada ao chegar ao muro, tentando enxergar o caminho na escuridão.

- Tomada 522 — PG — Ext. noite — Baixa — Rampa de pedras.
 Maninho vem avançando no campo, pulando as pedras da rampa. Vulto do pai aparece na porta iluminada. (Barulho das ondas)
 Voz do pai: "Maninho!"
- Tomada 523 — PG — Ext. Noite — Baixa — Rampa de pedras e quebra-mar.
 Mesma situação da tomada 522, com as ondas se quebrando em PP. Maninho avança contra a câmera.
 Voz do pai: "Maninho! Maninho!"
- Tomada 524 — PC — Ext. Noite — Normal — Barzinho noturno. Paulo e amigos.
 Os amigos de Roberto cantam e fazem algararra, já "alegres", enquanto Paulo continua pensativo e alheio quase ao barulho. Os amigos estranham sua atitude.
- Tomada 525 — PM — Int. Noite — Alta — Barzinho noturno. Paulo e amigos.
 Os amigos tentam animar Paulo. Roberto hesita, pois está a par do problema do amigo, mas acaba formando côro com os demais.
- Tomada 526 — PP — Int. Noite — Alta — Barzinho noturno. Paulo.
 Paulo se constrange com a insistência dos amigos, mas a intervenção de Roberto faz com que êle também termine cantando. E vai marcando o compasso com murros fortes na mesa, fazendo vibrar os copos.
- Tomada 527 — PP — Int. Noite — Móvel no carro — Automóvel de Castro.
 O vento sopra fortemente, fazendo os cabelos de Maria da Graça se voltarem contra seu rosto. A moça está prestes a chorar, em grande agitação nervosa.
- Tomada 528 — PPP — Int. noite — Móvel no carro — Automóvel de Castro.
 O bonequinho-mascote do carro agita-se para cá e para lá.

- Tomada 529 — PP — Int. noite — Móvel no carro — Auto-móvel de Castro.
Dr. João Castro, na direção, está aborrecido, preocupado com a atitude da moça. Tem o olhar fixo à frente, mas parece estar com o pensamento muito longe e não estar olhando é para nada.
- Tomada 530 — PP — Int. noite — Alta — Barzinho noturno.
Paulo canta com estranha fisionomia, marcando o compasso com murros na mesa.
- Tomada 531 — PP — Int. Noite — Móvel no carro — Auto-móvel de Castro.
O vento sopra fortemente, fazendo os cabelos de Maria da Graça se voltarem desalinhados contra seu rosto.
Voz de Castro: "Não estou entendendo nada..."
Maria da Graça: "O senhor faz que não entende. Não é difícil de entender..."
- Tomada 532 — PP — Int. noite — Móvel no carro — Auto-móvel de Castro.
Castro olha para Maria da Graça (fora de campo) com jeito de quem está prestes a explodir. Mas se contém e volta a olhar para a frente, com o mesmo ar aborrecido.
- Tomada 533 — PPP — Int. noite — Móvel no carro — Auto-móvel de Castro.
O bonequinho-mascote dança vivamente pelo jôgo do carro. (Detalhe).
- Tomada 534 — PP — Int. noite — Móvel no carro — Auto-móvel de Castro.
O vento faz os cabelos de Maria da Graça se voltarem numa dança contínua contra o rosto da moça.
- Tomada 535 — PP — Int. noite — Normal — Barzinho noturno.
Paulo continua dando socos na mesa, acompanhando o canto dos amigos. Mas tem o semblante carregado e um olhar estranho.

TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE S/A



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL
AV. RIO BRANCO, 128 - LOJA - TEL 426060

SUMÁRIO

"SUL"	Eglê Malheiros
Mais um livro de contos	Guido Wilmar Sassi
Sobrevivência portuguesa	Luis Cosme
A geração de 1870 e as suas dú- vidas	Luis Eugênio Ferreira
El realismo social en la última obra de Saim Miguel	Antônio Simões Jr.
Verão	Eglê Malheiros
Alegria	Lília de Ornellas
Poema	Judith Nunes Pires
Poema	Thereza Austregésilo
Esculpi na fumaça	Colbert Malheiros
Três poemas de regresso	Augusto dos Santos Abranches
Terceira carta a Eglê Malheiros ..	José Ferreira Monte
Urgência	Blanca Terra Viera
Poetas alemães contemporâneos ..	Traduções e notas de Custódio Campos
O aviso	Silveira de Souza
Operário na construção	Francisco José Pereira
O Forrozeiro	Fontes Ibiapina
Caderno da "Sul":	
O Boi de Mamão no Folclore Cata- rinense	Oswaldo Ferreira de Melo (filho)
Notas & Comentários:	
Teatro em Florianópolis	S. de S.
Clube do Livro "SUL"	Redação
Prêmios culturais da biblioteca do exército	Divulgação
Noticiário cultural da Tehcoeslo- váquia	Dr. Zdenék Hampejs
Notícias literárias do Piauí	Correspondente
19. festival brasileiro de poesia ..	Convocação
Insatisfação — fonte do progresso	S. M.
Três crônicas de	Renato Barbosa
Florianópolis, uma menina moça	L. Miglioli
Recebemos & agradecemos	Redação

CADERNO DA "SUL" (ESPECIAL) SOBRE CINEMA

Duas tendências	S. M.
Em cinema nacional!	E. M. Santos
O estilo que se procura. Jéssua magalhães	Alberto Cunha
Essa crítica e análise de "O Preço da Noiva"	
"O Preço da Noiva" — Fragmento de Raulino	

Preço: Cr\$ 10,00

Em Portugal: 7\$00

Este número foi composto e impresso nas oficinas da Imprensa
Oficial do Estado.

Florianópolis — Santa Catarina